



Marco N° 1 - Cevide

Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

Taxa Paga
Portugal
Linda à Velha

Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXVI - N.º 1453 | 1 Agosto de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75
Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

No 504º Aniversário da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, foram inaugurados novos espaços de lazer da Creche e Jardim de Infância
P.24-25

MDOC - 4 documentários em que Melgaço e os melgacenses são centro das atenções P.18-19



Secretária de Estado da Acção Social visita Santa Casa da Misericórdia e obras recentemente inauguradas no Jardim de Infância P.15

Ministra da Coesão Territorial na inauguração de 5 lojas Pop Up P.7



96 PESSOAS DE MELGAÇO VIVEM EM CONDIÇÕES INDIGNAS

P.3

ARRANCOU A FASE 1 DA ZONA EMPRESARIAL DE ALVAREDO

P.17

CENTRO DE ESTÁGIOS RECEBEU EDIÇÃO DO 1º TROFÉU INÊS NEGRA DE FUTSAL FEMININO

P.17

5 DIAS, 31 HISTÓRIAS DO MUNDO PASSAM PELA CASA DA CULTURA ATÉ 8 DE AGOSTO

P.18

25º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO PATRIMONIAL DA BRANDA DA AVELEIRA

P.22

QUEM É AFINAL O DONO DISTO TUDO?

P.23

A INCOMPARÁVEL LINHA DO DOURO

P.26 e 27

OURO DE BRUXELAS ASSEGURA QUALIDADE DO ROSÉ 2020 DA QUINTAS DE MELGAÇO

P.28

GRUPO DE ENFERMEIROS DA UCIP DO HOSPITAL DE VIANA FIZERAM PAUSA DE DESCANSO VISITANDO MELGAÇO

P.28

Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542
comercial@quintadoregueiro.com



Triplo Ouro no Concurso 2021 da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

1ª Gala Futsal A Batela Alvarinho Melgaço com entrega de troféus aos melhores da época

Jorge Sárria, Presidente da AFVC, apadrinhou o evento

João Martinho



Ainda no rescaldo da auspiciosa estreia, os dirigentes, treinadores e atletas do Futsal A Batela Alvarinho Melgaço reuniram-se para a sua 1ª Gala, na qual oficializaram o agradecimento aos jogadores, técnicos, patrocinadores e entidades que se destacaram no desempenho ou apoio ao clube neste primeiro ano de actividade.

A gala decorreu no dia 24 de Julho, na sala panorâmica do renovado Miradouro do Castelo, em Castro Laboreiro, com a presença do Presidente da Associação de Futebol de Viana do Castelo, Jorge Sárria (que apadrinhou o evento) e pelo vereador do Desporto da Câmara Municipal de Melgaço, José Adriano Lima.

Além do jantar de confraternização, houve momentos para o agradecimento formal aos elementos que se destacaram na época 2020/2021, nomeadamente:

Por fim e como não podia deixar de ser, foram ainda agraciados com um troféu alusivo ao evento e à modalidade, personalidades do clube, que se foram destacando durante a época, com os seguintes reconhecimentos específicos:

O Troféu "Prestígio" foi entregue a Aníbal Rego (Presidente do clube); "Dedicação" a Paulo Cardoso e ainda o de "Técnico do Ano" a Mário Santos.

De entre os que enfrentaram a época em campo, Márcio Nabeiro foi reconhecido com o troféu de "Jogador do Ano" e Leandro Vilas enquanto "Goleador" da época 2020/2021.

Destaque ainda para o troféu "Fair Play", entregue a Adriano Moreira, que anunciou o fim do percurso enquanto jogador de futsal, embora mantenha o seu vínculo com o clube, passando a integrar a equipa técnica na formação, na Academia de Futsal A Batela, anunciou o clube.

O Futsal "A Batela" agradeceu ainda, com menção honrosa, às entidades parceiras que apoiaram o clube: Município de Melgaço; Quinta do Regueiro; Carpintaria Cunha e Gonçalves; Soalheiro; 4CLIM; Centro de Estágios, Junta de Freguesia de Alvaredo; Associação "A Batela"; Gonomo Publicidade; CAST Studio; Juan



Rodriguez e Miguel Lopes.

"Assim se pôs termo à primeira época desportiva do Futsal A Batela Alvarinho Melgaço, recheada de sucesso. [Queremos] agradecer a todos", nota a direcção do clube, que promete "continuar a dignificar e merecer o apoio de todos os parceiros e levar todos eles e Melgaço, através do Futsal, o mais longe possível!".

Os nossos amigos

Esperamos que os nossos prezados assinantes que ainda não pagaram o ano de 2021, aproveitem estes tempos de férias para o fazerem. Os encargos são certos e nós temos cumprido, mas precisamos também que os assinantes cumpram conosco.

Um assinante no estrangeiro custa 1,40 euros

só de Correio, de cada vez. Ou seja: 16,80 € por ano. Se estiver em atraso dois anos, – e há umas boas dezenas nessa situação – imaginem o que significa de agravamento para o jornal.

Compreendemos as dificuldades do ano 2020 por causa da pandemia, mas pedimos encarecidamente que saldem tudo até ao final do Verão.

E que todos procurem mesmo fazer um esforço para terem o pagamento da assinatura em dia. Fazer isso é ser mesmo nosso amigo.

Àqueles que nos presenteiam com uma quantia superior ao custo da assinatura, para assim ajudarem nas despesas do jornal, o nosso vivo agradecimento.

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
jornal.vozmelgaco@gmail.com
redacao@vozemelgaco.pt
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257
João Martinho Silva

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondente
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues – Ancora

Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Viana
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Rui Ribeiro – Melgaço

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:
Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Maria do Rosário Salgado Vergara
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,
António Luís Vergara Vaz
e Manuel Luís Vergara Vaz,
20% cada.

Pré-Impressão:
Amigos de "A Voz de Melgaço"

Impressão e Expedição:
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de S. Brás, n.º 1
4710-073 Gualtar Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:
Portugal – 22,50 Euros
Estrangeiro – 30 Euros

Habitação: Em Melgaço há 96 pessoas que vivem em condições indignas

Município formalizou acordo de colaboração para aplicação do Programa 1º Direito

João Martinho

No início de Julho, a Secretária de Estado da Habitação, Marina Gonçalves, esteve em Melgaço para a formalização do acordo de colaboração no âmbito do 1º Direito - Programa de Apoio ao Acesso à Habitação, que dará resposta a 44 famílias que vivem em condições habitacionais indignas.

A autarquia levou a cabo a Estratégia Local de Habitação de Melgaço, integrada no programa 1º Direito, com o objetivo de garantir o direito do acesso à habitação, numa dinâmica dirigida à reabilitação e arrendamento, promovendo a inclusão social e territorial.

O Acordo de Colaboração celebrado com o IHRU, com a presença da Secretária de Estado da Habitação, define a programação estratégica das soluções habitacionais a apoiar ao abrigo do programa 1º Direito para 44 agregados, correspondentes a 96 pessoas que vivem em condições indignas.

As soluções para os casos identificados passarão pela reabilitação de frações ou de prédios habitacionais; construção de prédios ou empreendimentos ha-



bitacionais; aquisição de frações ou prédios para destinar a habitação. O valor do investimento necessário ao cumprimento dos objetivos é superior a 2,3 milhões de euros.

Estão ainda identificados 88 beneficiários que, sendo proprietários das habitações, deverão efetuar as

candidaturas ao IHRU para soluções habitacionais ao abrigo do 1.º Direito em nome próprio, com possibilidade de apoio por parte do município.

A condição de habitação indigna concomitantemente com carência económica foi o critério de selecção dos agregados beneficiários.

O resgate inesperado de um grifo que não podia voar

João Martinho

Na montanha, entre a Branda da Aveleira e a de santo António de Vale de Poldros, um grupo de visitantes das brandas uniu-se no que seria uma inusitada missão de resgate de um grifo (ou abutre-fouveiro), espécie que desde 2016 tem vindo a aumentar o seu povoamento e a ser observada com mais frequência na Serra da Peneda.

Lúcia Esteves e Elena Pereira, em visita à serra com as respectivas famílias, documentaram em foto desde o primeiro momento de avistamento da ave no solo. Face à pouca mobilidade que demonstrava, aperceberam-se de que estaria doente ou magoado e ligaram para a GNR para que fosse comunicado aos serviços o estado da ave e recolha para o diagnóstico devido.

Segundo Irene Domingues, familiar de uma das autoras das imagens, aguardaram junto do grifo mais de uma hora pela chegada das autoridades, que fizeram a recolha e o encaminhamento da ave para o apoio específico.



Fotos: Lúcia Esteves/Elena Pereira

A boa acção do grupo entretanto reunido a propósito da missão de salvamento da ave doente não terminou com a entrega da ocorrência às autoridades já que,

como conta Irene Domingues, pediram às autoridades que lhes fosse comunicada qualquer evolução do estado de saúde ou diagnóstico da ave necrófaga.

Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.

EstheticSmile
Largo da feira - Melgaço

Tlf. +351251404002
808215415

EstheticSmile
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

PREZAMOS A SUA SEGURANÇA E A SUA CONFIANÇA.
Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços.

Havemos de Chegar a Santiago de Compostela

Ano Santo Compostelano

José Rodrigues Lima



Na cidade compostelana, granítica, artística, mística, mágica, mítica, histórica e congregadora dos povos, sentem-se as ressonâncias seculares de reis, de eclesiásticos, de nobres, de burgueses, de artistas, de camponeses, de éticos, de estetas e aventureiros que aí experimentaram emoções, percorrendo caminhos íntimos que ficaram materializados nas diversas manifestações artísticas que devem contemplar-se com os olhares da alma.

Os sons da eternidade, a música dos povos, os rituais, os símbolos, as preces profundas, as ansiedades sentidas, os gestos e as palavras misturadas com o aroma do botafumeiro, são completados com o espanto bíblico na admiração do Pórtico da Glória.

Havemos de lá chegar...

Sim, havemos de chegar a Compostela depois de termos percorrido muitos caminhos, calçadas, veredas, pontes, campos, aldeias e povoações isoladas, conversando com camponeses e artistas, gente jovem ou idosa, com sabedoria ou letrada...

Depois de termos contemplado testemunhos de arte antiga nos castros, vias da romanização e escutando do fundo da história “o verdadeiro e o lendário”...

Depois de sentirmos a amálgama dos “laços antigos” do Noroeste Peninsular, trazidos pelas vozes dos antepassados. “No fundo dos tempos/ os velhos sabiam ouvir as vozes do mundo a falar,/ onde o segredo é saber calar”...

Depois das emoções sentidas ao ler os catecismos de pedra, ou fruto do silêncio no claustro da grande abadia...

Havemos de chegar após conversas dum tempo sem tempo, ou fora do tempo, tendo como sons o murmúrio das águas no ribeiro ou o canto da passarada no vidoeiro ou amieiro.

Após sentir os sons diferentes do ciclo anual e os tons das várzeas e das montanhas.

Depois de receber os aromas das flores silvestres e das ervas medicinais, e os paladares dos alimentos crus ou cozidos em potes de ferro, ou em louça de barro escuro.

E não será mentira nenhuma se afirmarmos que o caminho foi “trilhado” em dias de neve, vento, chuva ou frio, e de sol quente, ou em dias amenos e agasalhadores, de rosas.

Os livros ajudaram-nos a compreender melhor a memória dos homens e das coisas, e a sabedoria das pessoas idosas transmitiram-nos o “outro lado” da vida.

Recordaremos o início dos “laços antigos-conversas de hoje” em que saboreamos os poemas dos escritores



de Celanova e a “Longa Noite de Pedra”, e conhecermos as figuras míticas do carnaval de Xinzo de Limia, ou a luta do “cristiano” e do “mouro” no território sacro do antigo mosteiro cisterciense da Franqueira.

Lembraremos a “mulher bíblica” de Ribadavia e os seus doces hebraicos, e de modo especial o seu encanto da visão multicultural, falando com as as mãos esbranquiçadas com farinha finíssima.

Recordaremos novamente Xoan de Cangas Mendiño, Martin Codax, Charinho, Rosalia, Cabanillas, para em Hio homenagear todos os artistas da pedra...

Serão em grande número aqueles que nos acompanharão ouvindo o “Coro dos Peregrinos” de Wagner, ou os “Sons do Pórtico da Glória” do grupo musical “In Itinere”.

Ao avistar as torres da catedral, o gozo será sentido e a boca pronunciará: “Ultra! Deus adjuva-nos!”.

No nosso imaginário, eram muitos os que nos acompanhavam, e entre eles figuravam as personagens históricas do bispo Nausto de Coimbra, Afonso III, o Magno, e o artista português Mateus Lopes com obras no Mosteiro de São Martinho do Pinário e no antigo colégio de São Gerónimo, actualmente reitoria da prestigiada Universidade de Santiago.

A Rainha Santa Isabel e o Rei D. Manuel decalcaram o caminho...

Do centro da irrepitível Praça do Obradoiro contemplamos a catedral, e o fascínio do barroco arrebatou-nos “os olhares artísticos e místicos”...ouvindo sons musicais e o bronze das torres seculares.

Relemos de Valle-Inclán o texto narrado na obra “La Lampara Maravillosa”: “De todas as formosas cidades espanholas a que parece mais imobilizada num sonho granítico, imutável e eterno, é Santiago de Compostela...”

Não parece antiga, mas eterna...

Mas Compostela imobilizada no êxtase dos peregrinos, junta todas as suas pedras numa só povoação... “Ali, as horas são uma mesma hora, eternamente repetida debaixo do céu chuvoso”.

Não resistimos, e lemos de F. Bouza Brey: “Olha como a cidade sabia e santa por tua/ se adovia c’os tímidos abalorios da lúa;/ e de cada recanto fai xurdir, mistirosas,/ as milhentas figuras das lendas mais fermosas”.

Cumprimos os rituais da tradição jacobea no Pórtico da Glória, não esquecendo os “croques” junto do mestre Mateo.

Fomos subindo até ao Alto-Mor e fizemos o que recomenda o poema de Miguel Torga: “E o peregrino vem/ Reza devotamente,/ Põe no altar o que tem,/ E regressa mais livre e mais contente.../ Assim faço também!”

A boca pronunciou preces, o coração vibrou, “e a alma sentiu o gozo do eterno e a verdade incomensurável...” Formulámos o pedido: **“DESEJAMOS UM MUNDO SEM MEDOS... PARA TODOS”.**

Abraçámos o apóstolo e venerámos as relíquias, que são “o centro da mística jacobea” e marcaram a história do ocidente.

Sentados num banco de granito escurecido pelo tempo, lemos de Rosalia de Castro o poema “Na catedral”:

“Estarán vivos? Serán de pedra
Aqués sembrantes tan verdadeiros,
Aquelas túnicas maravillosas,
Aquelles ollos de vida cheos?”
(...)

Recordámos de Payo Gomez Charinho a cantiga: “Ai Sant’iago, padrón sabido”

Erva-camaleão – planta condimentar, aromática e medicinal

Teresa Tábuas

É fácil de cultivar a erva-camaleão, quer em vasos e floreiras, quer no jardim e aprecia sobretudo lugares mais frescos e sombrios.

É uma planta herbácea, perene e pode crescer de 20 a 80 cm. As flores são amarelo esverdeadas, suportadas por um espigão terminal de 2 a 3 cm de comprimento com 4 a 6 brácteas basais brancas. Este espigão terminal é amarelo-acastanhado.

É uma planta bastante estudada para fins medicinais, sendo-lhe atribuídas funções como aliviar a febre, remediar toxinas, reduzir edemas, drenar o pus e promover a micção. Durante o surto da Síndrome Aguda Respiratória (SRA), foi um dos ingredientes das fórmulas de prevenção reconhecidas pelo Ministério da Saúde da China.

Estudos recentes fornecem dados científicos que apoiam as suas atividades anti-SARS, anti-inflamatória, antialérgica, viricida, (qualquer agente que desativa, neutraliza ou destrói vírus), anti leucémica, antioxidante e anticancerígena. No entanto, as suas utilizações tradicionais de *H. cordata* diferem de um país para outro, em toda a Ásia. Por exemplo, na China tem sido utilizada no tratamento de feridas causadas por espécies de *Anisobatis* (insetos carnívoros encontrados em praias, debaixo de pedras e detritos) e na Coreia

tem sido utilizada no tratamento da tosse, pneumonia, bronquite, disenteria, hidropisia, leucorreia, uterite (inflamação do útero), eczema, herpes simplex, acne, sinusite crónica e pólipos nasais. Já na Tailândia tem sido utilizada para estimulação imunológica e como agente anticancerígeno e no Japão usa-se principalmente como diurética, para tratamento de úlceras estomacais, controle de infeção, como antimicrobiano, anti tumoral e na produção de substância antibiótica para uma variedade de bacilos gram-positivos.

É usada, também, em formulações cosméticas: no Japão e Coreia em combinação com outras ervas usa-se para prevenir ou tratar rugas, pele seca e gretada (fendida, rachada), antienvhecimento, melhorar as condições cutâneas, remover sardas e embelezamento da pele.

Estudos fitoquímicos apontam a presença de três principais componentes: o óleo essencial com atividades anti-inflamatória, antibacteriana e antiviral; os flavonoides com capacidades antineoplásica, antioxidante, anti mutagénicas e eliminadora de radicais livres; e os alcaloides com atividades antiplaquetária e citotóxica significativas.

Outro estudo destaca quatro benefícios desta planta: antialérgico, antioxidante, proteção contra organis-

mos nocivos e apoio ao sistema imune.

A planta age contra a libertação de histamina, possivelmente bloqueando-a ou reduzindo os seus efeitos. Foram avaliados os seus efeitos contra as alergias e asma, problemas parcialmente caracterizados pela libertação excessiva de histamina.

Promove o equilíbrio intestinal, desencorajando as bactérias prejudiciais de prosperar no sistema digestivo e estimula a produção de linfócitos, glóbulos brancos que são cruciais para o sistema de defesa natural do corpo.

Apesar de ser uma planta nativa da Ásia e pouco usada no nosso país, já possuo uma que vou fazer crescer no meu jardim e começar a usufruir de todas as suas potencialidades.



GAZETILHA

Álvaro Carvalho

Ai Otelo, Otelo!...
De que valeu a foice e o martelo?!...
De “profeta” e “messias” o que te levou a meter camaradas no forte de Caxias?!...
As armas que defendias saldaram-se em patifarias?!...
Os cravos não eram para fazer homens escravos!...
O Campo Pequeno não trazia a liberdade amanhada num campo de feno!...
Qual PREC qual “carapuça”?!...
Um militar honra a farda e a Pátria e não a militância política.
Liberdade e democracia eram palavras de ordem instalada de forma ordeira.
A saraivada bombista criou medo e matou.
De capitão de Abril amado passou a trilhar um ca-

minho demasiado minado!...
Perto dos 50 anos da revolução de Abril ainda há um trabalho árduo e difícil a levar a cabo!... Ainda há pontes a fazer capazes de consolidar a paz.
Naquele famigerado 11 de Março houve quem se interrogasse sobre o “exército de bandoleiros” criado em atoleiros!...
Quando o poder sobe à cabeça quem dita a sentença?!...
É verdade que o Povo quando quer é sereno!... Mas a justiça dos oprimidos tem sede e fome quando se sente desnudada no terreno.
Na hora de fazer as pazes com certo e determinado passado, Otelo Saraiva de Carvalho tem seu lugar de honra na História de um Portugal livre e democrático.

Não fosse o perdão!...
Não havia bom ladrão!...
De que valeu ser bajulado e depois derrotado?!...
De que serviu puxar dos galões num circo de “galifões”?!...
A justiça dos homens nem sempre é célere, transparente e justa.
A justiça Divina está acima de nós, comuns mortais.
Que Deus perdoe e acolha na paz celestial.



Viver Sim, mas com dignidade

Helena Matos

Que o trabalho seja a riqueza de todos.
Não é com um mísero ordenado que se consegue pagar a habitação e as despesas com água, electricidade, gás e telefone.
Quando o ordenado mínimo (cerca de “600 euritos”) cai na conta o trabalhador sabe que a alimentação e as despesas com medicação e outras, não podem ser pagas.
E então quem não tem um ordenado para se governar?!...
Cai na “subsidiodependência”!...
Como sobrevive quem tem uma reforma abaixo dos 300 Euros?!...
Cairá na “esmola-dependência”?!...
É desonesto e desumano deixar o reformado cair na pobreza extrema e deixar que ele se sinta humilhado pela condição e forma de vida.
E como vivem os cuidadores?!...
A política não enche a barriga a quem precisa.
As próximas eleições estão à porta e os eleitores

parecem ter caído no marasmo.
Movimentam-se as hostes políticas e constata-se ser mais do mesmo.
Como estão a tratar os nossos jovens?!...
Eles precisam de seguir o seu rumo, concretizar seus sonhos e sentir que são parte integrante no presente a viver e futuro a construir.
Quando o povo sente que é tratado pior que os animais está tudo dito!...
Os deputados da Assembleia da República deviam fazer, de vez em quando, serviço comunitário. Deviam vestir roupa de trabalho e ir para a apanha da azeitona (quando o frio invade o olival) e para as vindimas (quando o sol cresta a moleirinha). Deviam sair da cantina do Parlamento e sentarem-se nas cantinas escolares partilhando as refeições e comer o mesmo cardápio dos alunos.
É com surpresa que todos os dias vemos os preços a subir. Os produtos mais básicos já custam um balúrdio!...

Alguém sabe o custo dum caldo verde?!...
Vamos começar pelo preço da couve-galega portuguesa. Passemos ao preço das cebolas e das batatas (na sua maioria de origem francesa, espanhola ou holandesa). O azeite se for bom, é ouro na mesa. E o chouriço não é para qualquer um!...
Qualquer português tem direito a comer o seu caldo, acompanhado de broa e duma boa pinga. E se não poder comprar imagina umas azeitonas como “entrada”.
Será que os candidatos vão fazer campanha nas feiras e nos mercados?!...
Os Portugueses precisam duma pica que os acorde para a vida.
O voto não é um mero formalismo. Nem tão pouco uma arma de arremesso.
Temos que votar em consciência e exigir que os nossos direitos sejam respeitados.
A vida é para ser vivida e partilhada com dignidade.

Do “Vale do Lima” XXXII

P. M. Domingues

Memórias salteadas

1. Devo muito da minha formação ao ambiente campestre onde nasci, às cores que memorizei, aos cheiros que inalei. Os pinheiros, os carvalhos e as giestas, entre outras, ainda hoje despoletam em mim momentos de serena exaltação. O colorido dos livros da escola primária funcionou como atractivo para o estudo. Uma infância feliz, simples e descomplexada, em contacto com a Natureza, é a melhor vacina para a vida. Ao ler mais tarde, e ainda hoje, a História, reparo que vivi a minha infância descontraída num tempo em que milhões de seres humanos, inclusive crianças, eram massacrados pela brutalidade imperialista da segunda guerra mundial. Eu só sabia que era preciso comprar as coisas com uma guia de racionamento e que havia fome. Tenho presente a figura dum homem com os dentes verdes e me terem dito que era de “comer os gomos das videiras” porque outra coisa não tinha! Estávamos nos anos quarenta do século XX. Entretanto, eu frequentava a escola primária em Parada do Monte, onde leccionavam as chamadas “Regentes Escolares” que, embora não tivessem formação de Magistério Primário, eram excelentes educadoras e mestras. Com a regente D. Maria, natural de Parada do Monte, frequentei a primeira classe. Com a D. Beatriz, fiz o exame da terceira classe, presidido por um professor que “vinha de baixo”. A professora, natural de Chaviães, onde era pároco o meu tio, quando soube que eu era sobrinho, deu-me especial atenção e fiz a segunda e terceira classe no mesmo ano. O exame correu bem a ponto de merecer um abraço de parabéns do pai da D. Beatriz. Para a quarta classe, o meu tio padre levou-me para Chaviães, onde leccionava a professora D. Duartina, com curso do Magistério. Como preparação mais intensa, nas proximidades do exame da quarta, tínhamos aulas em sua casa, na Orada. Os dias dos exames, escrito e oral, na escola da Vila, também eram de brincadeira, alugando bicicletas e bebendo os célebres “pirolitos”. Levava o almoço para comer em casa do senhor padre Justino mas trazia-o inteiro de volta. Foi numa das minhas idas a pé de Chaviães para a Vila, saltando os mecos da estrada, que, ali no Viso, ouvi um rapaz à minha frente a trautear uma quadra que nunca mais esqueci, e já lá vão mais de setenta anos: “Oh vida da minha vida/ Oh minha vida feiticeira/ Por um beijinho dos teus/Daria a vida inteira”! Estávamos no ano de 1949. O exame de admissão ao Seminário seria em 1950. Entretanto, tinha lições com o meu tio e também em casa da “menina Ale-

xandrina”, nos Cotos. A Alexandrina nasceu no ano em que o pai foi mobilizado para a Primeira Grande Guerra, em França, e donde não voltou. Frequentou o Magistério mas não terminou o curso, contudo ganhou o direito a ficar conhecida como a “Menina Alexandrina”. Gostava de mim como se filho fosse. Quantas memórias que aqui não conto! Com Antoine de Saint Exupéry: “Sou um pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares que fui, um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas que gostei”.

2. Memórias do contrabando. Nos belos tempos da minha infância, lembro-me que o passal de Chaviães produzia vinho, milho, centeio, fruta, etc. Um dia, fui com o meu padrinho Silvério recolher uma meda de centeio mas ao abrir reparámos que dentro estava um grande feixe de forquilhas (salvo erro eram forquilhas). Voltamos a recompor a meda porque algum contrabandista ali as tinha escondido. Doutra vez, e teria eu menos de dez anos, ia da Vila para Chaviães e ao passar na Assadura chamam por mim: levas este saquinho de café, que contigo ninguém se mete, e entregas em tal sítio. Todo ufano da condição de contrabandista, cumpro a minha missão.

3. Recordo os vários tipos de iluminação usados nos meus tempos de criança. Em casa (anteriormente teria sido o “guiço” ou um tipo de casca espetado num buraco da cozinha), era a candeia a petróleo, feita no latoeiro da vila, houve um progresso para o gásómetro, depois o mais fidalgo candeieiro de mesa, também alimentado a petróleo, podia ser a vela, chegou o petromax, que irradiava luz mais forte. Para pequenas deslocações nocturnas usava-se a fachoqueira feita de palha centeia ou também o tição tirado da lareira. Se a viagem era mais longa, havia o candeieiro de mão. Era com este candeieiro que eu fazia a viagem de Parada do Monte para a Vila de Melgaço, seguindo o caminho da Minhoteira em desce e sobe, quando regressava a Braga nas férias do Natal. O meu pai, que me acompanhava, escondia o candeieiro numa mouta de ramos quando o dia clareava e retomava-o no regresso a Parada. Na vila de Melgaço já havia luz eléctrica importada de Espanha. Contava o meu tio padre António que no tempo dele, em Braga, frequentavam o Seminário alunos da zona do Barroso que, nos primeiros dias tentavam apagar as lâmpadas eléctricas abanando-as com as toalhas já que soprar-lhes era difícil.

4. No regresso da missão em Angola (1970), apre-

sentei-me ao Arcebispo de então, ainda arquidiocese de Braga. O arcebispo tinha mau conceito dos padres que regressavam da capelania militar, soube-o depois. Por isso, estranhei muito a saudação com que me recebeu: “Continuas interessado em ser padre?” Respondi que sim. “Vais substituir um padre que era muito querido na paróquia mas que me pediu para o colocar mais perto da sua terra por causa da irmã que sente o apelo do torrão natal. Vais para o Soajo, em Arcos de Valdevez”. E, sem saber para onde ia, pois só conhecia de nome, fui. Deparou-se-me uma paróquia que, de início, me parecia uma continuação do que trazia ainda vivo das terras de Angola. A estrada e a luz eléctrica só chegavam à sede da freguesia. Esta estava dispersa por sete centros do culto, sete capelas e sete cemitérios e servidos por maus caminhos. Os párocos só celebravam a missa na igreja paroquial; aos lugares, como se dizia, só iam no dia da festa do orago, nos funerais e “levavam a missa” no dia de recolherem a “premissa,” em milho e centeio. A pastoral, hoje, por outras razões, convoca os fiéis para um centro. Eu preferi ir para as periferias. Calcorreando, subindo e descendo caminhos de cabras. Com chuva e com sol. Exceptuando a Várzea, que era uma aldeia de padres, pouca gente sabia participar na eucaristia e até faltavam livros litúrgicos. As estradas, entretanto rasgadas, e a electrificação vieram facilitar o trabalho pastoral. Naquele tempo havia muita gente e era bonito conhecer as pessoas pelo nome e conviver.

Uma particularidade da freguesia e daquele tempo -anos 70- era a Visita Pascal na segunda e na terça e não no domingo de Páscoa em que havia cerimónias da Semana Santa na igreja paroquial, e o facto de ter que andar grandes distâncias a pé não permitia aproveitar o domingo para a saída do compasso. Caindo em desuso a Semana Santa, quis passar os lugares de terça feira para o domingo, mantendo-se os da segunda feira. Foi complicado mudar “o costume”; no primeiro ano houve luta, ameaças, cortes de relações com o pároco. Fez-se a Visita Pascal para quem quis e no ano seguinte estava tudo pacificado.

Termino esta memória com João Aguiar Campos, Circunstâncias: “Só pode ser do mar este marulho que faz vir à praia ondas de saudade. Os olhos soltam algas incolores, que as lágrimas escorreram todas no último dia em que fui feliz...”

Mas, a saudade não me impede de ser feliz, porque o passado é um bom suporte do presente.

Flashes do Ciclo

Quando não puderes defender os teus amigos, ataca os adversários

Arménio Melo

Esta frase é antiga, porém, nunca foi tão assertiva, como presentemente, ao comportamento dos jornalistas e comentadores, apoiantes do governo. Efetivamente, sempre que há problemas no governo, a oposição, não pode comentar, pois é logo acusada, de oportunismo político baixo e com falta de solução, convencendo o público de que a oposição, fazia pior. Este sistema, tem funcionando bem durante o governo socialista. Mas, agora, ocorreram duas situações graves, uma na câmara de Lisboa, com o envio de dados, ao governo Russo, dos seus opositores, em Portugal. Os visados protestaram e, a oposição, criticou o seu presidente. Tendo sido acusado de não ter categoria, para exercer a presidência, de facto, prestar informações, de opositores, a um governo que mata os opositores é gravíssimo. Mas, logo apareceram os defensores, jornalistas e comentadores, em sua defesa, chegando a elogiar a sua atitude, por pedir desculpa apesar de não ter culpa, alegando que não podia controlar os 10.000, funcio-

nários e atacando os que acusavam de incompetente, de oportunismo político impróprio. A outra, esta mais grave, porque causou uma morte, está ligada ao infalível ministro Eduardo Cabrita, excelente ministro para António Costa. Perante as informações, que vieram a público, não há dúvida que Cabrita, tem responsabilidade, mas perante os ataques que lhe foram feitos pela oposição, logo apareceram os defensores a ilibá-lo de culpa, pois o ministro, não era o motorista, fazendo as acusações do costume à oposição. Ora, efetivamente, o responsável pela condução do veículo, é o motorista. Porém, a primeira informação dizia que, entre o local onde foi controlada a entrada na autoestrada e o local do acidente, a velocidade, foi no mínimo de 200km hora. Acontece que, Cabrita, não era um pendura que vinha numa boleia com um motorista livre e dono do carro. Não, Cabrita tinha poder sobre o carro e sobre o motorista. Assim, analisando o que é inacreditável e o que é credível, eu, não acredito que o motorista,

circulasse àquela velocidade sem o interesse do ministro, mas, já acredito que Cabrita lhe havia dito, a hora que desejava estar em Lisboa, o que levou o motorista, a regular a velocidade para o efeito. Agora, o que é mais lamentável é a atitude de Cabrita, após o acidente. Com efeito, qualquer acidente que resulte em mortes, compete ao Ministério Público, dirigir o processo, quando se trata de acidentes de trânsito, delega as averiguações, na PSP ou na GNR, segundo a área, onde acontecem, mas, sob a orientação, do Ministério Público. Assim, o ministro da Administração Interna, responsável pela GNR, mandar um comunicado, a culpar a vítima pelo que aconteceu, é inadmissível, aliás, para mim, Cabrita sabe que tem culpas e quer safar o motorista, ou seja quer condicionar o trabalho dos seus subordinados, o que pode levar a família da vítima a querer, uma equipa, independente.

A ver vamos.

Ministra da Coesão Territorial fez visita inaugural a cinco lojas Pop Up e congratulou resiliência

“Melgaço dá-nos o exemplo de que podemos fazer muito com pouco”

João Martinho



No dia 16 de Julho, a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, de visita a Melgaço para a conferência “GLOCAL: Pensar Global, Agir Local – Melgaço”, organizada pelo Jornal de Negócios, marcou presença no acto que assinalou o encerramento do programa RegrowCity - Melgaço Tem Pop-Up, visitando as últimas cinco lojas que abriram ainda durante a vigência do período acompanhamento europeu do programa de revitalização do comércio urbano.

A inauguração oficial dos espaços Story Board – Photography, de Tiago Fernandes; Diversidade De Fotografias de Carla Sousa; Sapataria Alves, de Cindy Castro; Estética, de Flávia Oliveira e as Roscas de Melgaço de Madalena Barbosa, fecham com resultados francamente positivos a experiência europeia iniciada em 2019 e que tinha até então metas de sucesso muito abaixo do registado no conselho de Melgaço.



O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, congratulou o grupo de trabalho local e a coordenação do projecto pelos novos máximos de implementação, “muito para além do que seria a ambição inicial”, notando para os sinais que a iniciativa trouxe à economia local.

“Esta dinâmica das lojas Pop Up acelerou a vontade das pessoas investirem. Com esta abertura de lojas, muitas delas já a fixarem-se [após o período de implementação da ideia de negócio, em que as despesas com o espaço comercial são simbólicas], o que indica que havia algum espaço para o comércio novo e inovador”, reiterou.

Os parceiros europeus, entre eles a cidade alemã de Altena, o melhor exemplo da implementação do conceito RegrowCity à altura da apresentação do projecto no concelho raiano, “reconhecem que Melgaço foi para além do que era expectável”.

Pelo sucesso de uma medida de estímulo que envolveu com sucesso a comunidade partindo de um pressuposto financeiro na ordem dos 60 mil euros, a autarquia admite não abandonar o projecto e as equipas que avaliam as propostas ainda em lista de espera.

“O município não vai deixar cair o projecto. É para manter, não vale a pena deixar cair quando está a correr bem”, assegurou, garantindo que as futuras despesas inerentes à implementação de novas lojas serão feitas “com financiamento próprio do município”.

Findo o período oficial de vigência do plano de revitalização do comércio urbano, a autarquia quer estar na linha da frente na discussão do próximo programa URBACT, que se prevê ter como missão a habitação.

“A matéria da habitação é algo que queremos agarrar, quando tivermos a hipótese de financiamento, com a reabertura do programa. Ainda não sei exactamente como, assim como não sabíamos com esta dinâmica das lojas, mas sabemos que é absolutamente essencial e fundamental para o território esta questão”, considerou.

“O PRR vai chegar às empresas, mesmo que não sejam beneficiárias directas”

A Ministra da Coesão Territorial, congratulou a autarquia por promover junto da comunidade uma tendência de “comércio aberto, pessoas felizes”, assim como aos restantes autarcas um pouco por todo o país “que não desistem dos seus territórios e de apoiar as famílias”.

“Acho que [Melgaço] é uma excelente referência para outros municípios. É um bom exemplo para replicar noutras cidades onde temos grandes problemas nos centros históricos. Normalmente, as cidades expandem-se e os centros históricos perdem importância. Isto é uma forma de voltar a dar centralidade ao centro”, considerou Ana Abrunhosa.

Questionada por este jornal sobre o apoio efectivo às empresas, pequenos negócios e comércios que sofreram com o impacto da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), Ana Abrunhosa admite que todos os sectores empresariais virão a ganhar com a injeção de 16,6 mil milhões de euros do programa a executar até 2026.

“O PRR vai chegar às empresas porque, mesmo que não sejam beneficiárias directas, a quantidade de obra que o nosso país vai ter, vai beneficiar as empresas de construção civil, de mobiliário, quem faz projectos, uma quantidade imensa de empresas. No caso de não poderem ter apoio no PRR, ao mesmo tempo temos o apoio do plano comunitário [Portugal 2030]”, considerou.

Avança ainda que está a ser desenhada uma linha de apoio “especificamente para o comércio” em retoma, que reconhece merecer “especial atenção”.

“Melgaço dá-nos um exemplo de que podemos fazer muito com poucos recursos. Ou seja, muitas das vezes é ter um olhar atento às necessidades e canalizar os recursos para essas necessidades. Também nisso Melgaço nos inspira a fazer bem”, ressaltou.



TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE

 PORTUGAL

 FRANÇA

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA




CONTACTOS: e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

FRANÇA	PORTUGAL	MORADA:
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS



Barros Ferreira (1906-1997) O maior escritor que Melgaço viu nascer

Continuação do número anterior

Miguel Ângelo Barros Ferreira foi um reputado jornalista, historiador e escritor que passou boa parte da sua vida no Brasil, na cidade de São Paulo onde viria a falecer. Nasceu na vila de Melgaço em 6 de Setembro de 1906 mas em 1925 já se encontrava no Brasil...

Da obra extensa de Barros Ferreira, entre nós, ficou marcado, sem dúvida, o romance “Maria dos Tojos”. Neste livro, verdadeira homenagem ao modo de vida das gentes de Castro Laboreiro e dos povos serranos do Alto Minho, publicado em 1938, Miguel Ângelo de Barros Ferreira “centra a intriga de um violento drama amoroso em plena serra, numa aldeia em Castro Laboreiro, onde o povo vivia, nos anos trinta, entre as lides nos campos de sementeira, o pastoreio comunal e a dolorosa emigração sazonal. Nómadas do trabalho assalariado, os que partiam, se menos ambiciosos para se atreverem a demandar as Astúrias, Catalunha ou França, iam só até Trás-os Montes ou Beira Alta, “em peregrinação a pé, por exiguidade de recursos (...), varando serras sem noção de fronteiras”, que os limites da sua freguesia morriam na Ponte Velha ou, pouco além, na “Ameijoeira, no Ribeiro de Baixo, que dividia a fronteira portuguesa da espanhola”. Partiam as levas no Outono, “mal os primeiros frios anunciavam a aproximação do Inverno” e, “quando voltava a Primavera, regressavam alegres, aos lares humildes, com um pecúlio amassado de privações e submissão à ganância dos mestres de obras que, à custa do suor alheio, ganhavam o descanso das suas velhices”.

Alguns mais moços resignavam-se a ficar, mas sempre inconformados com este “viver na serra, entre mulheres que arroteavam as terras, na ausência dos maridos e dos irmãos, e homens decrépitos, que viviam das recordações da sua mocidade trabalhosa”.

As Astúrias, no início dos anos trinta, eram terras que atraíam os raianos do sítio com dois duros pagos por dia, quando na serra em que viviam mal dava para comer. A passagem do gado para a Galiza, modo de vida para alguns, não constituía, bem vistas as coisas, “uma desobediência, mas uma imposição da miséria” – que o lucro de dois tostões, com “risco de apanhar um tiro” mal lhes dava “para sustentar os filhos no dia seguinte”. O longo capítulo “O contrabando”, do romance “Maria dos Tojos”, é expressivo e de abundante pormenorização acerca do tráfico de bovinos, nesse tempo de antes da guerra civil, aproveitando os campos contíguos das faldas da serra com as pastagens galegas. Os ventos pareciam varridos de mudança e não transparecia o motivo: “os géneros alimentícios eram generosamente pagos em Espanha, como se a fome houvesse alastrado por aquelas províncias fartas da Galiza, que antes lhes forneciam com barateza os raros mimos dos seus cardápios de dias de festa”. Como erva em chão húmido, assim alastrava a aranha contrabandista. Barros Ferreira descreve assim o panorama da época: Aumentava o custo de vida em

Portugal, mas o lucro do contrabando tudo compensava. Depois, cada junta de bois rende mais do que nas feiras. O antigo valor aquisitivo das sonoras moedas de coroa, muitas das quais ainda ostentavam ainda a égide de D. Luiz, rei de Portugal e dos Algarves, decaiu para menos de um tostão, e os serranos já não sabiam fazer contas, tomando como base das suas transações a “moeda”. Homens e mulheres, à porfia fizeram subir a escala e a audácia do contrabando: “Do arroz e açúcar, para consumo doméstico, cresceu, tomou impulso, estendeu-se aos tecidos caros, ao calçado e ao azeite, para os comerciantes da “ribeira”, onde iam comprar milho das colónias, a preços reduzidos e entregue por meio de requisições, e que pagavam por bom preço, no outro lado, numa fábrica de destilação de álcool de cereais”. O contraban-



do organiza-se em empresa “que atraía capitais, pois o lucro compensava largamente os prejuízos e os riscos”.

A dificuldade maior, quanto ao gado, era “conduzir os bois até ao outro lado do ribeiro”, pois se os carabineiros se mostravam complacentes, os guardas-fiscais mostravam-se rigorosos. O tráfico vertia-se em dinheiro e dos lucros saíam comissões para os conhecedores da terra que adquiriam os animais aos camponeses da zona e angariavam compradores na fronteira galega depois de passá-los a vau.

Contudo, tanto do lado da Galiza, “defronte, na outra margem do ribeiro”, como de Portugal, “a mesma cadeia de montes se abraçava”, não ficando a raia mais que “uma convenção” e a noção de Pátria convertida em fronteira. No lado de lá, havia um posto de carabineiros, para repressão do contrabando; na margem portuguesa, um quartel de guardas-fiscais. Contudo, neste meio pequeno, todos se conheciam e cumprimentavam. Havia uma espécie de confraternização entre os carabineiros de tricórnio de oleado, os guardas-fiscais e os contrabandistas, num tácito reconhecimento de que deviam o pão à existência comum. Evitavam astutamente encontrar-se, para que não houvesse quebra da disciplina nem abuso da tolerância”. Tácito realismo, suficiente para o contrabando ser aceite como um mal necessário.” (MARGUES, 2004)

O livro “Maria dos Tojos” serviu de argumento para a realização do filme “Serra Brava” do realizador Armando Miranda, que sai para o cinema em 1948. Contudo, aparentemente, a editora vendeu os direitos à produtora do filme sem o consentimento de Barros Ferreira, procurando, mais tarde, este ser ressarcido do abuso. Numa notícia publicada na revista “Cine-Reporter”, na sua edição de 17 de Janeiro de 1948, podemos ler que “Barros Ferreira jornalista e romancista português que exerce suas atividades na capital paulista, está chamando às falas o dono da “Educação Nacional” de Lisboa, com o fim de se ver pago dos direitos de livros que essa editora deu a filmagem por vinte contos. Trata-se de apropriação indevida e abuso de confiança.

Sobre o caso, o nosso ilustre confrade assim se manifesta: “Tudo teria passado em branca nuvem se o escritor Heitor Campos Monteiro, meu velho amigo, não me tivesse comunicado o facto. O filme acabara de ser feito na serra do Suajo onde se passa a parte final do romance, que focaliza aspetos da vida serrana do norte de Portugal. A personagem principal perde-se no meio de uma nevada, e o produtor do filme, ao que parece, seguiu o enredo do romance e esperou o inverno que na Europa começa em Novembro, para filmar as partes finais. O facto foi noticiado pelo “Comércio do Porto” e assim vim a saber que o realizador fora Armando Miranda, em Lisboa. Em nada fora eu ouvido. Escrevi para Portugal, solicitando informações ao mesmo tempo que pedia a Heitor Campos Monteiro, que, como escritor teatral, vigiasse as legendas, já que o filme estava concluído.

Passaram-se duas semanas e eis que recebe uma carta de Portugal esclarecendo vários pontos omissos. Armando Miranda, interrogado a respeito, informou que tinha procurado a “Editora Educação Nacional”, que editara o romance, perguntando por mim. Aí lhe disseram que o autor de “Maria dos Tojos” saíra havia muitos anos para o Brasil.

Armando Miranda disse então que pretendia filmar o romance. Aí o atual dono da livraria respondeu que tinha a propriedade da obra e podia fazer negócio. Recebeu vinte contos e passou a autorização.

“Ora, acontece que o meu romance “Maria dos Tojos” não fora vendido. Quando o antigo dono da “Educação Nacional”, o pedagogo António Figueirinhas, era vivo, convidou-me para organizar uma coleção para a juventude. Isto em 1936. Um dia soube que eu tinha terminado um romance e propôs-me editá-lo. Desisti dos direitos autorais para a primeira edição mas não cedi os direitos de propriedade. Já o segundo romance meu foi publicado com os direitos de 20 por cento sobre o preço da capa. António Figueirinhas morreu. E nunca mais me prestaram contas. Só o ano passado, o sucessor me escreveu numa carta alegando que tudo estava uma barafunda e se lhe podia dizer as datas das compras dos meus livros. Ora como não os vendera, estranhei tal pedido e informei o homenzinho do equívoco em que estava. Já nessa altura ele havia embolsado os vinte contos como se fosse o dono do meu romance”.

Curiosamente, o título do filme “Serra Brava” daria também nome à edição do mesmo livro no Brasil no ano de 1951. Numa notícia publicada no “Jornal de Notícias” de 18 de Fevereiro desse ano, podemos ler que “Serra Brava é o título que recebeu, na sua edição brasileira, o romance “Maria dos Tojos”, de Barros Ferreira...”.

No mesmo artigo, acrescenta-se que “antes de mais, Barros Ferreira é um jornalista. Percorreu várias redações, entre elas a do Correio Paulistano, no tempo em que a integravam Menotti del Picchia, Genolino Amado, Cassiano Ricardo e Hermes Lima, e desde 1928, pertence ao corpo redatorial do “Diário da Noite”. Bem grande é a bibliografia de Barros Ferreira, cuja obra tem sido fartamente elogiada pela melhor crítica...”

Em 1957, viria a Portugal numa viagem rápida integrado numa delegação da Câmara de São Paulo para agraciar pessoalmente o presidente Craveiro Lopes como “Cidadão Paulistano”. Podemos conferir pela leitura da notícia no jornal “Diário da Noite” de 24 de Outubro de

Continuação da pág. anterior

1957: “A Câmara Municipal [de São Paulo] devia proceder, na sessão de hoje, à entrega ao Consul de Portugal, do título de “Cidadão Pulistiano”, conferido ao General Craveiro Lopes, presidente de Portugal, por ocasião da sua recente visita ao Brasil. Ontem, porém, o presidente Elias Shammás cancelou essa solenidade, informando ao plenário que o referido título será entregue pessoalmente ao estadista português, pelo vereador José Aranha e o jornalista Barros Ferreira, que seguirão brevemente para Portugal...”

Regressaria a Portugal em 1967, como enviado do jornal “Diário Popular” às comemorações do cinquentenário das aparições de Fátima.

No jornal “Comarca de Arganil”, na sua edição de 1 de julho de 1967 encontramos um apontamento sobre a carreira de Barros Ferreira até então: “Exercendo o jornalismo há mais de trinta anos, Barros Ferreira tem colaboração valiosa e dispersa pelas colunas dos melhores diários paulistas: “Diário Nacional”, “Correio Paulistano”, “O Estado de São Paulo”, “A Gazeta”, “Diário de S. Paulo”, “Diário da noite”, tendo trabalhado também para o “Jornal do Brasil” e para o “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, assim como para a revista “O Cruzeiro”. Presentemente, divide as suas atividades por duas empresas jornalísticas: as dos “Diários Associados” (“Diário de São Paulo” e “Diário da Noite”) e do “Diário Popular”.

Figura respeitosa nos meios da imprensa, Barros Ferreira é também um notável ensaísta e ficcionista, com livros publicados em Portugal e no Brasil. Uma editora portuense publicou três dos seus romances: “Maria dos Tojos” (história que foi cinematizada em Portugal com o título “Serra Brava”, realização de Armando Miranda, na interpretação de de alberto Ribeiro, “Tatão”), “Terra sem Mulheres” e “Cadeia Eterna” (o drama do emigrante); as edições Melhoramentos, de São Paulo, lançaram os volumes de ficção “Barba de Bode” (romance), “O Castelo do Mistério” (contos), as biografias de “Emílio Ribas, o vencedor da Peste”, “Fernão Dias Pais, o governador das esmeraldas” e, para a juventude, “A cidade do deus amarelo” (novela), “Lendas da península”, “Semadores da virtude”, “O filho do trovão” (a lenda de Caramuru) e várias adaptações de obras célebres. A editora Sarai-va, também de São Paulo, publicou uma nova edição de

“Maria dos Tojos”, que no Brasil apareceu com o título do filme, “Serra Brava” e os romances “Filhos de Adão” e “Borba Gato” (biografia). Finalmente, o Clube do Livro de São Paulo apresentou os seguintes livros de ficção: “A herança”, “Rainha do meio dia”, “Cinzas da Esperança”, “Romance da Madeira-Mamoré”, “Os lobos” (contos) e editará proximamente “Verdade e encanto da Amazónica”.

Poucos escritores portugueses exibem tão vasta bibliografia quanto a de Barros Ferreira. E são raros também os que no Brasil tem prestado tão assinalados serviços em favor da presença da cultura portuguesa – causa a que devotamente se consagrou. Espírito culto, profundo conhecedor da História do Brasil e, sobretudo, das suas raízes lusíadas, Barros Ferreira é ainda um conversador emérito. O padre António Pedro dos Santos, que com ele recentemente contactou e de quem o jornalista luso-brasileiro fala na sua reportagem sobre Coimbra, deve ter ficado com excelente impressão de Barros Ferreira – um homem simples, modestíssimo, mas de grande estatura moral e intelectual...”

A herança literária de Miguel Ângelo Barros Ferreira é imensa. Num vastíssimo leque de obras publicadas, destacamos algumas:

- Crónica de um Deus amarelo (1929);
- O vendaval: romance (1930);
- Lendas da Península (1931);
- O Caçador sem Medo (1936);
- Terra sem mulheres (1938);
- Maria dos Tojos (1938);
- O Rei Imprudente (1950);
- Serra Brava (1951), reedição de “Maria dos Tojos” no Brasil;
- Filhos de Adão (1952);
- Emidio Ribas, o vencedor da peste (1953);
- Barba de Bode (1955);
- Borba gato (1955);
- Meio século de São Paulo (1954);
- A Herança (1956)
- Cinzas de Esperança (1960);
- O romance da Madeira-Mamoré (1963);
- Os lobos (1965);
- Verdade e mistérios sobre a Amazónia (1967);
- O viajante Ullisses (1970);

O nobre e antigo bairro da Sé (1971);
Terra sem caminhos (1973);
A flauta mágica (1976);
Amazónia arrasada (1980);
Tordesillas: Um pingo no mapa, um borrão na História (1982).

Entretanto, continuou a escrever os seus artigos em vários jornais que percorriam desde temas de atualidade como outros ligados à História e que frequentemente se centravam na sua cidade de São Paulo, que se nota que amava muito. Várias das suas obras, valeram-lhe prémios. Damos como exemplo a obra “O Antigo e Nobre Bairro da Sé”, assinado por Dionísio Alvim, pseudónimo de Barros Ferreira. Esta obra foi galardoada com o primeiro prémio do Concurso de Monografia dos Bairros, promovido pela Prefeitura do Município de São Paulo em 1971.

Participou, também, em eventos públicos como palestras ou conferências. A título de exemplo, damos conta de uma palestra noticiada em 6 de Agosto de 1973 no “Jornal do Brasil” que nos conta que “... O Instituto Histórico e Cultural Pero Vaz de Caminha reunirá sócios e público na Biblioteca Municipal Mário de Andrade [São Paulo] (...) A palestra está a cargo do historiador Miguel Ângelo Barros Ferreira e pretende ser uma análise do famoso documento de Caminha, fechado a sete chaves durante três séculos e apenas valorizado após a independência do Brasil...”

Miguel Ângelo Barros Ferreira faleceu na sua amada cidade de São Paulo no dia 16 de Dezembro de 1996, deixando uma enorme herança literária. Na sua terra natal, Melgaço, é bastante desconhecido. Este é um modesto contributo para um merecido reconhecimento pelos seus conterrâneos.

Fontes:

- MARQUES, João Francisco, (2004) - O Contrabando no Romance Contemporâneo Português - Contextos Espacio-Sociais e Histórico - Económicos. Estudos em homenagem a Luis António de Oliveira Ramos, FLUP, Porto.
- ROCHA, Joaquim (1997) - “Longe e Perto” In: A Voz de Melgaço n.º 1068, de 15/3/1997.
- VAZ, Júlio (1997) - Padre Júlio apresenta Mário. Edição de autor.
- Diversas notícias citadas no texto.

10 mandamentos do cristão em férias

A. J. Faia

Proposta da Conferência Episcopal Francesa para as férias.

Aqui tem uma pequena síntese, numa tradução mais ou menos livre:

Afirmando que a religião não deve ser um constrangimento à vida das pessoas, os Bispos franceses convidam os cristãos a desfrutar das férias, mas sem descurar a sua matriz. Reconhecem que a tendência é ser “menos” cristão, às vezes, mesmo nada, permitindo-nos um tempo de excepção, “uma festa sem Deus, Domingos sem Missa, turismo em ‘terras onde não está Deus’, esquecendo os anjos e cedendo um pouco aos demónios. Numa palavra, mandamos Deus de férias”.

Propõem, então, os 10 Mandamentos do cristão em férias:

1. evitar que as férias sejam um “monstro de egoísmo”, camuflado em tempo de descanso
2. levar Deus na mala: uma Bíblia, um crucifixo, um terço, ...
3. sendo a fé a nossa ligação com Ele, lembrar Deus ao longo da viagem
4. fugir dos lugares e das actividades onde Deus não está
5. sendo as férias um longo Domingo, dedicar alguns momentos a Deus
6. não deixar que os horários e ocupações sirvam de

desculpa para faltar à Missa, ao Domingo

7. descobrir e contemplar as diversas formas de beleza que Deus criou, na natureza, mas também nas pessoas e na arte

8. dar testemunho cristão no que se faça, como ao longo do ano

9. servir, mesmo em férias, e não cair na tentação de se sentir servido, porque se está a pagar

10. viver este tempo alegremente, com o ânimo de quem conhece Cristo, evitando a preguiça e o desperdício.

Se está a pensar ir de férias em breve, ...

Até sempre, se Deus quiser.

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES
TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676



Funerárias
Vilarinho | Orquídea



Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País
e Estrangeiro · Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Por Vila Praia de Âncora

Júlio Domingues



FERNANDO LIMA - MELGAÇO (Lugar da Barbosa - Rouças)

O Executivo da Câmara Municipal de Caminha, aprovou por unanimidade, a atribuição do nome do saudoso Fernando Lima, ao Pavilhão Municipal de Caminha.

Um gesto muito louvado, pois o Fernando, que era funcionário das finanças, foi presidente da Junta de Freguesia de Caminha e teve um papel importante em varias modalidades desportivas, naquele concelho.

De tenra idade, veio com a saudosa sua Mãe, D. Maria Angelina, de Monção, onde residiam com os Pais, e passaram a viver no Lugar da Barbosa, da Freguesia de Rouças..

Os nossos parabéns, pois, ao Executivo de Caminha, pelo reconhecimento do bom trabalho associativo.

ALDI - NOVO SUPERMERCADO

A Multinacional ALDI., uma das maiores cadeias de supermercados do Mundo, abre a 6 de Agosto próximo, nesta linda Vila, com 20 postos de trabalho, sendo a 1ª loja ALDI, no Alto Minho - localizada na ROTUNDA de acesso à A28., - à entrada da Vila, vindo de Caminha, nas conhecidas "pedreiras dos Aurélios".



Actualmente, a empresa Alemã tem 87 lojas em Território Nacional..

Desejos dos maiores êxitos comerciais..

CONFRARIA DE MELGAÇO/VILA PRAIA DE ÂNCORA

Continuamos sem poder levar a cabo, o nosso II Encontro Anual, devido à actual pandemia que nos afecta a todos, em todas as regiões onde quer que nos encontremos.. E, até lá, as colunas deste periódico mensal, servem de elo de transmissão para todos, que esperamos alargar aos Residentes no Entre Vale dos Rios Âncora e Coura, do Concelho de Caminha, naturais do nosso Concelho de Melgaço.

A todos, com os seus Familiares e Amigos, desejos de um bom Verão, com muito solinho, onde quer que se encontrem..

Saudações Amigas..

AMIGOS DA PETANCA Em Vila Praia de Âncora

Decorrem contactos, entre os actuais jogadores/participantes, deste tradicional Jogo Francês, da PETANCA, nesta "PRAIA DAS CRIANÇAS", em Vila Praia de Âncora, desde há anos praticado..nos limites dos



Terrenos das Camboas, junto ao Mar Atlântico.

Deste modo, deslocou-se a esta Vila, onde almoçou com alguns elementos, o senhor Avelino Marques, vindo de Briteiros / Guimarães, onde possuem vários campos de jogos e umas óptimas instalações, com muita experiência do jogo e do associativismo, tendo reunido com alguns participantes locais, destacando-se os senhores António Táboas, de Rouças/Melgaço, Adriano Gonçalves/A.Valdevez, e David Cunha/Lanhelas, que servirão de comissão organizadora e bem assim com os senhores Eusebio, de Loulé, David Fernandes, Jorge Cordeiro / Melgaço (Federado em França).

Como se vê da fotografia, uma Equipa do Grupo do C. R. C de Briteiros - Secção da PETANCA., participou no XIV Internacional de Vigo - 2 021.

De realçar que o Senhor Avelino Marques, com muita experiência da PETANCA, na cidade Francesa de Toulouse..participou em muitos Torneios, incluindo com a campeã Internacional, a jovem francesa Cindy, ligada àquele Clube. De igual modo, fez-nos entrega de um exemplar do Regulamento Internacional da Petanca..

Fazemos votos para que o poder local, Camara Municipal, Junta de Freguesia e outras Entidades, dêem apoio a estes "jovens" participantes do jogo da PETANCA., em Vila Praia de Âncora..



Hotel Castrum Villae: hospitalidade,
natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030 reservas@hotelcastrumvillae.pt

Castro Laboreiro - Melgaço hotelcastrumvillae.pt

CASTRUM
VILLAE
HOTEL

VENDE-SE

Casa de morada, no centro de São Gregório (junto à capela) com dois pisos e garagem de 60m², totalmente mobilada e equipada.

Bom preço

MOTIVO: Mudança de residência do proprietário.

Tlm. 933 871 728 ou 939 794 503



Soalheiro apresentou o Alvarinho Primeiras Vinhas 2020

Há complexidade no vinho e nas vinhas com mais de quatro décadas

João Martinho

A Quinta de Soalheiro apresentou o monocasta Alvarinho Primeiras Vinhas de 2020 ainda a tempo das férias de Verão, mas para chegar agora ao mercado e às mesas festivas, houve um longo e cauteloso processo.

As uvas de Alvarinho, produzidas segundo os conceitos da agricultura biológica, em ecossistema vitícola protegido, são colhidas manualmente nas vinhas velhas, com mais de 40 anos, existentes na Quinta de Soalheiro, que são, como o nome indica, as Primeiras Vinhas. Foi ainda integrado no lote uma selecção de uvas de Alvarinho plantadas em Pé-franco.

Todo o processo de vinificação é uma 'corrida' sincronizada e minuciosa para que a homenagem às primeiras vinhas faça jus à qualidade da matéria-prima.

As uvas são colhidas manualmente, colocadas em caixas de pequena capacidade e transportadas para a adega num curto espaço de tempo. Após a prensagem, o mosto obtido decanta durante 48 horas e segue-se a fermentação, a temperatura controlada.

A fermentação ocorre essencialmente em inox (cerca de 15% do volume to-

tal fermenta em cascos usados de carvalho), com manutenção das borras finas até início de Maio, mês em que ocorre o engarrafamento. Nesta colheita foi integrado no lote Alvarinho com estágio em pipa de carvalho de grande dimensão.



Ficha:

Casta: Alvarinho | **Álcool:** 13% | **pH:** 3.2 | **Acidez Total (g/dm3):** 6.9 | **Acidez Volátil (g/dm3):** 0.4 | **Açúcar Residual:** Seco

Nota de Prova:

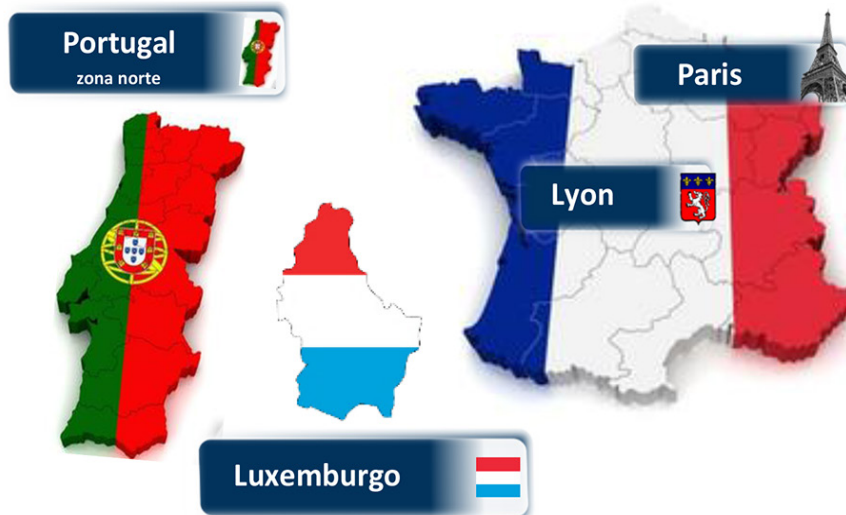
Cor amarela citrina, aroma elegante e cheio que cresce no copo, tornando-se cada vez mais persistente. O sabor é encorpado, fresco e com grande complexidade gustativa.

Sugestão de acompanhamento:

Ideal como aperitivo ou para acompanhar mariscos, pratos de peixe ou aves.



LINHAS INTERNACIONAIS



Barquense

(+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT Nº 1849
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT



Imobiliária

Administração de Condomínios

- Organização de documentação;
- Registos e inscrições do Condomínio;
- Abertura de contas bancárias;
- Elaboração de orçamento annual;
- Criação de mapa de quotas;
- Criação de um Relatório de Contas anual;
- Realização de Assembleias;
- Gestão de contas e compromissos do Condomínio;
- Representação do Condomínio junto de várias autoridades.

UKUBO Consultoria,
O seu parceiro de negócios.

Melgaço
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto
4960 - 522 Melgaço
+351 251 418 322

Braga
Av. Robert Smith, nº19
4715 - 398 Braga

Monção
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2
4950 - 446 Monção
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

Imóveis que lhe podem interessar

Venda | Terrenos

Lote para construção
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
37.500€
Ref.: 00057

Lote com 272m2 para construção de moradia composta de cave, r/c e andar. Situado próximo do centro de saúde.



Excluído do SCE, ao abrigo do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 118/2013, de 20 de agosto, na sua atual redação.

Venda | Apartamentos

Apartamento T3 no centro da Vila Melgaço
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
120.000€
Ref.: 00406

Apartamento T3, com uma suite, aquecimento central e garagem fechada, situado no centro da Vila de Melgaço.



CLASSE ENERGÉTICA C

Venda | Apartamentos

Apartamento T3
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
130.000€ 125.000€
Ref.: 00780

Apartamento em excelente estado, mobilado e equipado em Sto. Cristo. Detém aquecimento, caixilharia e terraço espaçoso com churrasqueira. Boa localização.



CLASSE ENERGÉTICA C

Venda | Moradias

Moradia V3
Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, Melgaço, Viana do C.
55.000€
Ref.: 00866

Moradia composta por sala, cozinha, três quartos, duas casas de banho e um terreno envolvente com cerca de 970m. Situada numa zona serrana, muito próxima da Vila de Castro Laboreiro, esta moradia é ideal para férias e fins de semana.



CLASSE ENERGÉTICA E

Venda | Terrenos

Terreno com aptidão construtiva
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo
42.000€
Ref.: 00325

Terreno com aptidão construtiva com, aproximadamente, 1.064m2. Bons acessos e boa localização, junto à estrada. Ótima exposição solar.



Excluído do SCE, ao abrigo do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 118/2013, de 20 de agosto, na sua atual redação.

Venda | Moradias

Moradia V3
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo
Sob Consulta
Ref.: 00485

Moradia V3, constituída por r/c e 1º andar, situado em local sossegado e com boa exposição solar. Possui marquise e garagem.



CLASSE ENERGÉTICA F

Venda | Moradias

Moradia V3 e terreno
Penso, Melgaço, Viana do Castelo
Sob Consulta
Ref.: 00789

Moradia, em pedra, totalmente recuperada. Composta por dois andares, com divisões amplas dispostas ao longo de 167m2. Área descoberta: 500m2. Possibilidade de venda, em conjunto, de dois terrenos para cultivo com cerca de 2.000m2.



CLASSE ENERGÉTICA C

Venda | Moradias

Moradia V2
Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, Melgaço, Viana do C.
Sob Consulta
Ref.: 01011

Moradia moderna V2, em pedra, totalmente mobilada e equipada. Possui aquecimento central, garagem espaçosa e jardim. Situa-se em plena Vila de Castro Laboreiro.



CLASSE ENERGÉTICA B-

Portugal: desertificação é um combate urgente

Costa Guimarães

O interior norte e centro de Portugal é a parte do país que perde população mais rapidamente: desde a década de 1960 cerca de metade. E as freguesias rurais cerca de dois terços.

A diminuição da produtividade biológica devido à desertificação no Interior e no Sul do País, está associada a diminuição da produtividade económica, que contribui para acelerar o despovoamento rural.

Os fenómenos da desertificação e despovoamento estão intimamente ligados, e menores potenciais produtivos provocam maiores taxas de migração da população rural.

Não é sossego para nós, mas maior preocupação, sabermos que as medidas para combater a desertificação carecem de coerência e não existe uma visão harmonizada na UE sobre a forma de alcançar a neutralidade da degradação do solo até 2030.

Existe desde 2014 um novo Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação (PANCD) mas, no início deste mês, o Tribunal de Contas (TdC) deu nota negativa à execução nos últimos anos.

Devido a formas de ocupação do solo, há uma associação entre a desertificação e o despovoamento. Quando há despovoamento é natural que aumente o risco de desertificação porque deixa de haver gestão da água e do solo e, por consequência, aumenta a exposição aos riscos.

Em Portugal, a irregularidade climática, que parece acentuar-se, e as condições sócio-económicas contribuíram para cerca de 60% do território em progressiva desertificação e 11% um risco mais elevado, em particular no nordeste do Alentejo e do Algarve.

Não existe uma solução universal quanto às medidas mais urgentes mas parte da resposta ao problema passa por incentivos a uma agricultura sustentável e à fixação das pessoas no interior.

Trata-se de uma urgência para o planeta Terra, que levou as Nações Unidas a criar, em 1994, no dia 17 de junho, o “Dia Mundial da Combate à Desertificação e à Seca” (World Day to Combat Desertification – WDCD) pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, em 1994.

Estima-se que, para proteção, recuperação e expansão da Floresta Autóctone, seria necessário um investimento anual do Estado de mil milhões de euros. Permitia iniciar o combate à expansão da desertificação e da aridez e à implementação de uma cultura adequada a este combate junto dos cidadãos, proprietários, empresas e municípios.

É preciso salvar o que resta ainda da área com carvalhos, sobreiros e azinheiras e aumentar, no geral, a área da floresta nativa em Portugal.



Apesar do esforço de muitas autarquias, o interior do país está a ficar desertificado. A falta de oportunidades de emprego leva os jovens a abandonar os locais onde nasceram.

São urgentes os incentivos com o objectivo de fixar jovens à terra. Construir, por exemplo, um novo centro de saúde, contratar médicos, criar um cartão de saúde, e apoiar monetariamente os nascimentos e a aquisição de máquinas agrícolas.

O EXEMPLO DO SOBREIRO

A WWF identifica o sobreiro como espécie prioritária, pela sua importância para o combate à desertificação e às alterações climáticas.

O sobreiro é a base da economia da cortiça: extraem-se anualmente em Portugal cerca de 140 mil toneladas de cortiça, o que corresponde a cerca de 54% da produção mundial do sector. A maior parte da cortiça transformada em Portugal – 68% na produção de rolhas – é exportada (90%), representando 2,7% das exportações anuais do país. O sector da cortiça engloba 900 empresas transformadoras.

Mas existem outros rendimentos gerados pelas florestas de sobreiro, incluindo a pecuária, a caça, o mel ou os cogumelos.

Da economia do sobreiro depende uma parte significativa da população portuguesa. São 12 a 14 mil postos de trabalhos fabris directos, 6500 postos de trabalho na extracção florestal e milhares de postos de trabalho indirectos (restauração, turismo, etc).

O sobreiro é um instrumento fundamental no combate à desertificação em Portugal, cabendo-lhe desempenhar um papel decisivo na prevenção da degradação dos solos. O montado e os bosques de sobreiro, formando sistemas ecológica e economicamente sustentáveis, funcionam como um importante instrumento de prevenção contra a desertificação.

De facto, desde que bem geridos, estes sistemas, — afirma a Quercus — geram níveis elevados de biodiversidade.

Numa área de sobreiro na Serra de Grândola foram identificadas 264 espécies de fungos, 50 musgos, 308 plantas vasculares, 140 insectos, 6 espécies de peixes, 12 anfíbios, 13 répteis, 73 aves e 14 maníferos.

Aves de rapina ameaçadas como a Águia de Bonelli e mamíferos como o Lince Ibérico, o felino mais ameaçado do mundo, têm nas florestas de sobreiro o seu habitat de eleição.

As áreas de sobreiro melhoram a matéria orgânica dos solos (ao retirarem os nutrientes de níveis mais profundos, devolvem-nos ao solo com a queda das folhas, originando solo produtivo); aumentam os níveis de matéria orgânica dos solos, contribuem para uma melhor retenção de água, facilitam a sua infiltração no solo e diminuem as perdas por escoamento superficial, regulando o ciclo hidrológico e travam o despovoamento (ao



contituírem-se como sistemas agro-florestais economicamente viáveis: extracção da cortiça (500 Euros/ha) além de outros rendimentos gerados pelas florestas de sobreiro, incluindo a pecuária (70 Euros/ha), a caça (15 Euros/ha), o mel, as plantas aromáticas e os cogumelos (8 Euros/ha).

Com base nas constatações acima referidas, o Tribunal de Contas, presidido por Vitor Caldeira, lembra que “Portugal tem compromissos assumidos no quadro da Agenda 2030 das Nações Unidas”, nomeadamente o de neutralizar a degradação do solo. Por isso, o TC recomenda aos ministros que tutelam as pastas da Agricultura e do Ambiente que corrijam os erros e que, entre outras coisas, alinhem os compromissos com ações concretas a desenvolver, assim como um sistema de acompanhamento da degradação dos solos em Portugal e das medidas e metas para neutralizar o problema.

QUE SOLUÇÕES?

Chegados aqui, é a pergunta que resta, porque a Norte não existem muitos sobreiros (cf. <http://planeamentoterritorial.blogspot.com/2012/04/havera-solucoes-para-o-despovoamento-no.html>).

Sabe-se que dar incentivos à natalidade não chega, porque as crianças que nasçam agora só resolverão o problema daqui a mais de 20 anos.

Também não é suficiente dar incentivos fiscais a empresas, porque a deslocação destas para territórios de baixa densidade exige a deslocação de jovens que possam trabalhar.

Tem de haver uma política de conjugação disto tudo. Até que os incentivos de natalidade atuais resultem em população ativa, a solução passa pela imigração.

Para os próximos 20 anos não se arranja ativos aumentando a natalidade. A não ser que tenhamos políticas de atracção de imigrantes com força, não será possível sequer manter a atividade económica que existe neste momento no interior, e não pode ser a imigração interna, porque o problema de escassez de pessoas verifica-se no país todo, mesmo nas áreas mais dinâmicas.

Continua na pág. seguinte







ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

www.adeга-sabino.com

Associado à falta de produção agrícola, cresceu a indústria, que no fundo foi o motor para o êxodo rural, tal era a sua concentração no litoral. Entre 1960 e 1973 essencialmente, Portugal atingiu uma “fase de ouro” na indústria, em todo o tipo de serviços, têxteis, calçado, plásticos, entre muitos outros. Para tanto, é necessário fixar indústria no interior do país e se Portugal apostar na inovação da tecnologia ainda podemos ter uma palavra a dizer num mundo tão globalizado.

ALGUMAS MEDIDAS PRIORITÁRIAS

Todos sabemos que os portugueses são bons a anunciar soluções, entre as quais se destaca concretizar a regionalização do país tal como consagrado na Constituição da República ou repor as freguesias tal como existiam antes da chamada Reorganização Administrativa do Território das Freguesias;

É urgente também fazer uma revisão do PNCT (Programa Nacional para a Coesão Territorial), apresentado em 2018, centrando-o no investimento produtivo e no emprego seguro e com direitos, qualificado e bem remunerado, o que implica discutir e implementar um plano estratégico de desenvolvimento, revitalização e modernização do sector produtivo numa lógica transversal ao país, com pólos regionais que aproveitem as potencialidades e recursos locais; dar prioridade à agricultura, às pescas, à indústria e aos serviços, não esquecendo os sectores de ponta e com potencial de crescimento, mas também à diversificação das actividades produtivas para acabar com a dependência a uma só actividade, existente em vários concelhos, e a organização de apoios e estruturas destinadas ao escoamento e distribuição dos produtos;

Isto apenas se faz se o poder político tiver vontade efectiva de canalizar para o interior investimentos públicos e privados direccionados para a dinamização da produção nacional e a criação de emprego de qualidade, priorizando o apoio ao investimento em empresas orientadas para a produção local/regional no sentido de

contrariar a desertificação, evitar os elevados custos de transporte e diminuir os impactos ambientais;

Depois é necessário intervir para alterar a situação de baixos salários e de baixo rendimento em muitos concelhos do interior, onde se situam várias das regiões mais pobres da UE, com salários e o poder de compra per capita também muito abaixo da média nacional, o que implica: i) qualificar os trabalhadores do interior e atrair trabalhadores qualificados; ii) criar incentivos salariais e outros para fixação dos trabalhadores no interior, incluindo os mais qualificados com objectivo de estancar as saídas e atrair trabalhadores de outras regiões. Canalizar investimento público ou privado para a criação de emprego com baixos salários, conduzirá ao não preenchimento de todos os postos de trabalho, situação que já verifica actualmente;

Valorizar o sector agrícola, aproveitando os recursos nacionais, constitui uma prioridade de soberania nacional; substituindo bens alimentares importados por produção interna; modernizando as explorações agrícolas; articulando com as indústrias agro-alimentares; regulando as regras de comercialização para impedir que as grandes cadeias de distribuição esmaguem os preços à produção, pondo em causa a existência de muitas explorações e preservando o ambiente.

O interior necessita de reformar a floresta, assegurando o necessário investimento público e que a partir dele e com ele se mobilize o investimento privado. Implica apoio aos proprietários florestais, designadamente os mais pequenos, e aos baldios e não às empresas de celulose para a promoção do aumento da produtividade do eucalipto;

É preciso dar resposta aos problemas da mobilidade transfronteiriça de trabalhadores, nomeadamente ao nível das condições de trabalho (direitos laborais e sociais), de transporte e de habitabilidade, como se sentiu agora durante a pandemia.

É necessário dotar as instituições do ensino superior existentes no interior dos meios necessários para reforço das suas capacidades. Garantir o acesso ao en-

sino superior público nocturno, de forma uniforme em todo o território nacional, investindo no equipamento e redimensionamento da rede actual de ensino superior, de forma a garantir um acesso igual às populações do interior;

Mais, é urgente garantir o direito de acesso universal e gratuito à prestação de cuidados de saúde, cuja oferta funcione de forma eficaz em todo o território. Suprimir as taxas moderadoras, cujo valor é agravado, no caso das populações do interior, pelas deslocações que têm de efectuar para aceder à rede de cuidados de saúde;

A tudo isso, deve acrescentar-se um plano nacional de transportes, que tenha em conta o acesso das populações em todas as regiões do país e reforçar a rede ferroviária, através da conclusão de troços já iniciados, do investimento na modernização e electrificação de linhas ferroviárias, na reabilitação de troços e em novas linhas, quer para transporte de passageiros, quer de mercadorias, com garantia de gestão e exploração públicas assegurando horários e frequências compatíveis com uma utilização diária e a ligação entre várias localidades por elas atravessadas;

Finalmente, lançar um plano de apoio à intervenção do movimento associativo que contribua para o envelhecimento activo, direccionado para a cultura, o desporto, o lazer e o associativismo;

Temos que pensar no interior do país como uma prioridade. Os benefícios fiscais eram uma boa política para atrair empresas mas, se já não é possível, devemos pensar noutras soluções, o caso do turismo. Será uma actividade que pode contribuir para o desenvolvimento do interior. Temos cultura, património, ideias e iniciativas.

É conhecer por dentro Portugal. “(...) É necessário incentivar acções de promoção das áreas rurais que tenham como finalidade principal a atracção dos naturais dessas áreas, que muitas vezes aí mantêm património assinalável e que poderão valorizar” (Jorge Gaspar, in Geografia e Ordenamento do Território).

Por que não colocar tudo isso em prática?

Melgaço bate recorde da desertificação do Minho

Costa Guimarães

Melgaço é o concelho, entre os 24 do Minho, que apresenta a maior taxa de desertificação populacional nos dois distritos do Minho — revelam os primeiros números dos Censos 2021 (cf. https://censos.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html).

Com uma taxa de 15.6% por cento, Melgaço perde mais de 1.400 habitantes nos últimos dez anos, passando de 9.213 para 7.776 residentes.

Fiães, em Melgaço, regista um rombo extraordinário, ao perder quase 40% da população em dez anos, o que leva a aparecer na lista como entre as dez do país que mais perderam em termos percentuais.

A segunda freguesia com menos habitantes no distrito é Fiães, no concelho de Melgaço. Actualmente com 146 habitantes (65 homens e 81 mulheres), Fiães abrigava 239 pessoas em 2011, o que significa uma redução de 38,9% em dez anos.

Em sexto da lista, voltamos a Melgaço, com a freguesia de Gave a apresentar uma redução de 23,6% dos 237 habitantes, para 181 (68 homens e 113 mulheres).

Aproximado está outro concelho do Alto Minho, o de Arcos de Valdevez que perde 9,3% da sua população, ao baixar os 22.847 para os 20.729 habitantes.

Paredes de Coura baixa uns quatro por cento, dos 9.180 para os 8.636 residentes mas é Monção quem surpreende com uma queda de 7,3% que se traduz na perda dos 19,230 para os 17,827 habitantes, entre 2011 e 2021.

Vila Nova de Cerveira empata com Valença na quebra de 3,5%. O primeiro baixa dos 9253 para 8930 habitantes enquanto o segundo desce dos 14,1327 para os 13634 habitantes.

Nesta onda desertificadora do Alto Minho, Paredes de Coura tenta resistir à pressão com uma quebra de 4.1%, entre os seus 9,198 habitantes em 2011 e os 8,636 residentes,

Ponte de Lima (com uma queda de 5.3%) e Caminha (com menos 5,1%) são outros dois concelhos com uma perda de habitantes inquietante, embora Ponte de Lima perca mais de dois mil habitantes e Caminha um pouco

mais que 500 pessoas.

Finalmente, temos o concelho de Ponte da Barca, cuja perda de habitantes se situa no ponto intermédio (menos 8,3%) com uma baixa de quase mil residentes (12.061 pessoas em 2011 contra as 11.058 este ano).

O número de habitantes no Alto Minho recuou de 244.836 em 2011 para 231.488 – menos 13.348 em dez anos –, com Melgaço a ser o que mais percentagem perdeu (15,6%): passou de 9.213 residentes no concelho para 7.776. Mas todos os dez concelhos do distrito perderam população, até a ‘capital’ Viana do Castelo perdeu 3,2% dos habitantes.

VENDE-SE APARTAMENTO T3

Na Rua Dr. António Durães – Melgaço, no centro da Vila, T3 totalmente mobilado e equipado, com garagem e grande terraço, em muito bom estado de conservação.

Telemóvel 966 297 359

V E N D O

**Duas (2) Cotas
da Adega Quintas de Melgaço**

Interessados ligar para Rosa Alves

Tel: 251 666 828

Primeiro Aniversário do Projeto CLDS-4G Melgaço

Castro Laboreiro e Lamas de Mouro entre as localidades com mais casos identificados com necessidade de apoio à população idosa

João Martinho



O CLDS-4G Melgaço celebrou, entre os dias 4 e 9 de julho, o seu primeiro aniversário de ação junto da comunidade.

Para assinalar esta data foram realizadas várias atividades, como um ciclo de conferências levado a efeito no auditório da Casa da Cultura de 5 a 8 de Julho, com os temas “O Silêncio do Isolamento na Terceira Idade”, “Ser Voluntário”, “A importância da nutrição para um envelhecimento activo” e “O Cuidador Informal”. No final de cada conferência houve um sorteio de brindes com o objetivo de promover o comércio local.

Houve também espaço para momentos culturais e performativos com entrada gratuita em locais emble-

Histórico (em frente ao edifício do Solar do Alvarinho) e ainda um mural intemporal pintado por três jovens melgacenses, que deu vida à Rua Doutor Afonso Costa.

“Desde junho de 2020 que o CLDS-4G Melgaço anda a conhecer o território do Concelho e foi essencial para o projeto, na sua fase mais prematura, a realização de um levantamento de necessidades pelo território, porta a porta com a ajuda dos presidentes das Juntas de Freguesia e da GNR, onde contamos atualmente com a identificação de 491 destinatários”, indica a equipa do CLDS-4G Melgaço, através do coordenador, José Rodrigues, dando nota do primeiro ano de ação nas freguesias do concelho.

Cristóval, 16 em Paderne, 15 na Gave, 14 em Alvaredo e 12 em Couso.

“Num ano atípico como foi 2020, onde todas as atividades tiveram de ser planeadas de uma forma diferente, seguindo as medidas impostas pela DGS, as comemorações de datas importantes como o Natal e a Páscoa foram realizadas de maneira diferente do habitual: com a finalidade de alegrar as pessoas que estão isoladas e demonstrar afeto e carinho para com elas, foram entregues presentes de Natal, acompanhados com o desejo de boas festas por parte do CLDS-4G. Através desta inovação ao que seria o plano de comemorações festivas, distribuímos cerca de 292 bolos-rei por todas as freguesias do concelho de Melgaço. Já para a celebração da Páscoa foram distribuídos brindes de páscoa, porta-a-porta, tentando assim, os técnicos do CLDS-4G Melgaço, diminuir a solidão das pessoas idosas e ao mesmo tempo, verificar o estado de saúde das mesmas e se necessitavam de alguma ajuda ou apoio. Foram abrangidos 340 destinatários”, indica a equipa do CLDS-4G.

Durante o ano de 2021 serão realizados ateliers lúdicos nas Juntas de Freguesia, constituídos com dois momentos: Num primeiro momento, são realizados exercícios de estimulação de funções mentais (cognitiva, memória, atenção, raciocínio, percepção, pensamento), através da adaptação dos materiais: roleta da



máticos. Eucaristia e momento de fado com a artista Ana Ferreira, no Convento de Fiães; actuação da Escola de Dança Melgaço Dance Center, no Largo Hermenegildo Solheiro, actuação da Escola de Concertinas de Melgaço, que realizaram uma arruada pelo centro histórico da Vila e no Largo Hermenegildo Solheiro; Concerto com a melgacense Maria Pires na Fonte Principal das Termas de Melgaço e concerto com Dario Rocha na Torre de Menagem.

A par de toda a programação, entre 5 de Julho e 6 de Agosto estará aberta ao público a exposição fotográfica “O ROSTO por trás da MÁSCARA”, na porta nº 82 do Centro

Castro Laboreiro e Lamas de Mouro com 120 casos

Castro Laboreiro e Lamas de Mouro estão entre as localidades com mais pessoas identificadas com necessidade de apoio, contando até ao momento 120 casos.

Segue-se a União das Freguesias de Chaviães e Paços, com 67 pessoas; 57 na União de Freguesias de Vila e Roussas, 51 na União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão; 43 em Penso, 27 na União das Freguesias de Prado e Remoães; 27 em Fiães, 19 em

memória, fotografias de objetos de casa e fotografias de animais. Num segundo momento são realizadas atividades motoras adaptadas às capacidades físicas dos destinatários com a utilização de bolas de diferentes tamanhos, texturas e densidade.

Com o avanço do plano de vacinação junto da população, essencialmente junto da população abrangida pelas ações do CLDS-4G Melgaço, a equipa vai iniciar no segundo semestre do ano a ajuda na criação e impressão dos Certificados de Vacinação, quer para os seus destinatários como para a população residente no concelho que não tenha acesso à Internet.

“Durante este primeiro ano do projeto, procedemos à criação de um banco de voluntariado para apoiar os nossos destinatários em tarefas diárias que eles já não tenham capacidade para as realizar. Pretendemos alargar esta ajuda a todos os destinatários mais necessitados e mais isolados, porque quantos mais voluntários houver, menos pessoas vão passar dificuldades!”, destaca o Coordenador.

Este projeto enquadra-se em dois dos quatro eixos de intervenção. O Eixo 3 – Promoção do envelhecimento ativo e apoio à população idosa; e o Eixo 4 – Auxílio e prevenção emergencial às populações inseridas em territórios afetados por calamidades e/ou capacitação do território. Tem como público-alvo todos os residentes do concelho de Melgaço que tenham mais de 65 anos ou com alguma deficiência ou doença incapacitante, que vivam sozinhos e com pouco apoio social.

NOVIDADES
VINHOS
QUEIJOS
MEL
CHÁS REGIONAIS

“Da Costa Congelados, até ao seu prato”

Rua Dr. António Durães, 119
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!
251 031 438

Visita da Secretária de Estado da Ação Social

Redação



No dia 30, a Secretária de Estado da Ação Social, Rita Cunha Mendes, acompanhada pelo executivo camarário, visitou o edifício da infância da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

Rita Cunha Mendes explicou que não pôde estar presente na inauguração das obras de requalificação, que teve lugar no passado dia 12, mas que tinha prometido vir logo que possível.

Foi com satisfação que constatou as excelentes condições do edifício, tanto nos lindíssimos parques infantis, como nos espaços interiores, dando os parabéns à instituição pelo investimento realizado.

Depois de alguma interação e conversa com as crianças e profissionais, a Secretária de Estado afirmou que não tinha dúvidas que ali se encontravam as crianças mais felizes e simpáticas de Melgaço.

Houve ainda tempo para a realização de uma reunião de trabalho em que o provedor Jorge Ribeiro apresentou o projeto de requalificação do Lar Pereira de Sousa, explicando que se trata do edifício referência



da ação social em Melgaço, mas que carece de uma intervenção urgente.

O provedor sublinhou que o investimento naquele equipamento tem que ser uma prioridade para os melgacenses - "No futuro não saberemos explicar que se parta para investimentos em novos equipamentos,



num território onde existe um edifício como o Lar Pereira de Sousa a necessitar de uma intervenção urgente".

Rita Cunha Mendes informou que tinha bem presente essa prioridade, da qual o presidente Manoel Batista Ihe havia dado nota.

MELGACO EM FESTA

2021

6^ª - 17 AGO

6^ª - 7 AGO

[DIA DO BRANDEIRO]

13^ª - 15 AGO

[MERCADO MEDIEVAL]

14^ª - 15 AGO

[MOMENTOS MUSICAIS]

15 AGO

[FESTA CRASTEJA]

17 AGO

[FESTA DO EMIGRANTE]

[MAIS INFORMAÇÕES EM www.cm-melgaco.pt]

História De'vida: Mariana Domingues e uma vida em permanente desafio

José Rodrigues

Mariana da Rocha Domingues, 85 anos. Filha de Bento Domingues e de Laura da Rocha, é uma senhora dotada de espírito lutador que faz das adversidades razão para viver e seguir em frente. É a mais nova de quatro irmãos e foi, até aos quatro anos, uma criança saudável e cheia de alegria.

Aos 4 anos foi-lhe detectada Paralisia Infantil (também conhecida cientificamente como poliomielite), uma doença infecciosa grave que pode causar paralisia permanente em determinados músculos e que geralmente, afeta crianças, mas que também pode surgir em idosos e adultos com o sistema imunitário enfraquecido.

Foi internada num hospital no Porto, mas a infeção era muito grave e já não tinha cura. Ficou sem mobilidade nos membros inferiores. Para que pudesse ir à escola o pai fez-lhe um carrinho de madeira, mas como os caminhos eram irregulares e cheios de buracos, foram muitas as vezes em que o eixo se partiu, tendo a mãe que a levar às costas.

O pai tinha muitos problemas de saúde, que pioraram quando descobriu a doença da filha. Morreu quando Mariana fez o seu 5º aniversário, devido a problemas no estômago, por ter deixado de comer e beber devido à ansiedade.

A mãe, que considera ter sido uma guerreira, conseguiu criar os quatro filhos sozinha, apesar de todas as dificuldades.

Os irmãos de Mariana saíram muito novos de casa.

O mais velho foi para Lisboa, onde se alistou na Marinha e outros dois, seu irmão e irmã, emigraram para França. Mariana ficou sozinha com a mãe e viveu em Penso até aos 23 anos de idade, sem conseguir andar.

Em 1959, mudou-se para Lisboa com o intuito de realizar uma operação inovadora à Poliomielite, por um médico ortopedista que era amigo de um primo da sua mãe. De 1959 a 1962 esteve no hospital 32 meses seguidos, onde fez 8 operações. Diz que só sobreviveu graças à amizade que criou com os médicos. A mãe continuava a viver em Melgaço e só tinha em Lisboa um irmão.

Quando saiu do hospital, já a andar, apoiada em duas canadianas, um médico ofereceu-lhe emprego na Sociedade Nacional de Armadores Pesca de Arrasto, como telefonista. Aí trabalhou durante 12 anos, até 1974. Quando a empresa mudou de nome, para Docas de Pesca, passou a ser compradora por telefone durante 8 anos (até 1986), onde coordenava os fornecedores e as entregas para o carregamento dos navios.

Com as mudanças operadas na empresa, inclusive de local, tendo ficado longe de sua casa, em 1974 decidiu tirar a carta de condução num carro adaptado às suas necessidades.

Em 1986 a empresa extinguiu-se e foi transferida para o departamento de contabilidade até 1990, para tratar do processo de extinção da mesma. Foi neste ano que a sua mãe faleceu e, após isto, reformou-se por invalidez, aos 54 anos.

Nos seus primeiros tempos enquanto reformada, esteve 13 meses (de 1993 a 1994) em Aveiro a ajudar uns amigos a criar um escritório de agentes de seguros. Desde 1994, passa temporadas em Melgaço (Verão) e Lisboa (Inverno). Ao início ainda fazia o trajeto de carro, mas com o tempo e com o aumento das dificuldades em conduzir, desde 2005 que faz o percurso com a boleia da sua prima Ernestina.

Em 1998 foi-lhe detectado um carcinoma no intestino. Um novo desafio que superou, sem deixar mais uma vez que as adversidades lhe afetassem o bom humor e a sua vontade de viver e conviver!

Gosta de ocupar os seus tempos livres com trabalhos manuais, ler e conversar e mantém-se como sempre foi, uma pessoa comunicativa e que faz amizades com facilidade.

Coordenador CLDS-AG Melgaço



Desafios dos Censos 2021

Ricardo Gonçalves

Saíram os primeiros dados dos censos gerais de 2021 em que confirma o que parecia à vista desarmada, entre os censos de 2011 e agora, Melgaço perdeu nesta década 1.437 habitantes, isto é 15,6%, passando assim de 9.213 pessoas em 2011 para os atuais 7.776.

Foi, assim, o Concelho que em percentagem perdeu mais população em todo o Minho, onde só o Concelho de Braga ganhou população aumentou 6,5% de população, passou de 181.494 habitantes para os atuais 193.333, muito à custa de estrangeiros com destaque para os Brasileiros que se instalaram nas inúmeras casas vagas em Braga, aproveitando o desenvolvimento do Concelho nas suas diversas áreas.

No Distrito de Viana a Capital Viana passou de 88.725 para 85.864 - 3,2%, Melgaço que há 10 anos estava empatado em população com Cerveira e Coura ficou agora para trás sendo, agora, o menos populoso do Distrito (e isso até se podia aceitar se todos têm crescido e Melgaço também, mas não Melgaço, ainda, perdeu mais).

No Vale do Minho com quem Melgaço interage e se insere económica e socialmente, os resultados são os seguintes: Monção passou de 19.230 para 17.829 - 7,3% /

Valença passou de 14.127 para 13.634 - 3,5% / Coura passou de 9.198 para 8.636 - 6,1% / Cerveira passou de 9.253 para 8.930 - 3,5% / Caminha passou de 16.684 para 15.828 - 5,1%.

É este o cenário da queda, nota-se que os concelhos com algumas indústrias importantes perderam menos população que os outros, porque a existência de trabalho certo é uma forma de fixar população e que a ligação à Galiza tem que ser muito mais aproveitada e potenciada, porque o Vale do Minho tem a maior fronteira Nacional em Valença e grande ligação à Galiza.

Quanto a Melgaço é o caso mais grave, até porque a queda acentuada de Habitantes e de eleitores influencia muito negativamente com perdas políticas, de Serviços, de verbas que vêm do poder central e de dinâmicas económicas, sociais e comerciais.

O que fazer? Este e outros Faces que existem em Melgaço e o jornal a Voz podem e, devem, colaborar para encontrar soluções interessantes e inovadoras, é pena que os partidos políticos de Melgaço hoje não tenham dinâmicas nem organização nem funcionamento com qualidade para ajudarem mais como lhe competia na nossa Democracia.

Melgaço tem boas estruturas públicas e algumas cada vez maiores para a população existente, investiu-se muito em Melgaço em décadas anteriores, principalmente com fundos da União Europeia, mas não se conseguiu segurar ou atrair população e em relação a esta última década estão aqui as preocupantes contas.

Tem que se reinventar muita coisa e atrair e incentivar investimentos públicos e principalmente privados, que criem riqueza, a multipliquem e distribuam criando emprego e dinâmicas de atração e fixação.

As fortes dinâmicas do vinho Alvarinho e de algum turismo com as suas belezas, gastronomia e simpatia ainda têm evitado o pior, mas como demonstram estes números não chega é preciso mais aí é nas outras áreas.

Claro que Portugal, no seu total, perdeu 215 mil pessoas. Só na década de 1960, Portugal tinha perdido gente como agora (e Melgaço foi mais uma vez um exemplo com muita gente a fugir a pé e clandestinos para França da ditadura do Salazar e Marcelo e da pobreza e da guerra colonial. É aí que começa o despoivoamento de todo o interior que, agora, atingiu o auge), mãos à obra...

Uma carta

«Apresentando os meus melhores cumprimentos ao sr. Director deste Jornal, Dr. Carlos Nuno Vaz, felicito também todos quantos, com excelentes artigos, enriquecem o jornal «A Voz de Melgaço».

Quero agradecer ao Dr. José Rodrigues Lima, autor do tema: «Por Terras Melgacenses», na referência 'Personalidades', no jornal de 1 de Julho, o enorme elogio

ao meu querido sogro, António de Jesus Alves Ramos, de Chaviães.

Efectivamente, teve uma vida exemplar a todos os níveis e foi sempre muito admirado pela família e amigos.

Tinha enorme orgulho em ser Sacristão na Paróquia, função que desempenhava com todo o esmero e lhe

enchia a alma.

Os meus sinceros cumprimentos.

Maria José Guerra Costa Portela Ramos».

Nós é que agradecemos as amáveis palavras da d.ra Maria José, esposa do filho do senhor António, e nosso amigo, Dr. Manuel José Alves Ramos, infelizmente já falecido.

Para quando o asfaltamento do Estradão da Cabana, em Roussas?

Leitor amigo e residente para os lados de Cavaleiros, manifesta o seu desagrado por a estrada para Mijanços e o estradão da Cabana estarem ainda sem asfaltar. Desabafa: «O Lugar da Cabana é o mais desprezado pela junta de Freguesia, até na limpeza das valetas.

Arrançou a Fase 1 da Zona Empresarial de Alvaredo

João Martinho



Já arrancaram os trabalhos para a execução da Fase 1 da Zona Empresarial de Alvaredo, que abrange uma operação de loteamento com obras de urbanização e acesso à Zona Empresarial.

A primeira fase do projecto conta com uma alocação de 33.461,90 metros quadrados para área destinada a 11 lotes, distribuindo-se as áreas de cedência por um lote destinado a equipamento coletivo com 1.685 metros quadrados, espaços verdes de utilização coletiva

com cerca de 9.356 metros quadrados, e espaços verdes de enquadramento com 4.810 metros quadrados.

A operação agora iniciada levará a efeito a operação de loteamento com obras de urbanização destinadas à edificação urbana; um novo acesso a executar em solo rural que estabelecerá a ligação entre a operação de loteamento e a via existente a nascente; a beneficiação de via existente a nascente, que o projecto identifica como fundamental para permitir o acesso de veículos

de grandes dimensões à Zona Empresarial, estabelecendo a ligação à EN 202.

O projeto, que pretende reforçar a capacitação empresarial das PME da Região do Norte para o desenvolvimento de produtos e serviços, representa um investimento na ordem dos 2.7 milhões de euros, cofinanciado pelo FEDER em 1,5 milhões de euros no âmbito do Programa Operacional Regional do Norte, Norte2020.

Futsal Feminino: Centro de Estágios recebeu 1º Troféu Inês Negra

Clube de Redondela (Galiza) conquistou primeiro lugar

João Martinho



O Centro de Estágios de Melgaço recebeu, no dia 18 de Julho, a primeira edição do torneio Inês Negra, organizado pela Secção de Futsal Feminino do Sport Clube Melgacense.

Durante o dia, quatro equipas de futsal feminino

defrontaram-se no pavilhão do complexo desportivo, tendo as atletas do Arealonga FS Chapela, de Redondela, Galiza, conquistado o lugar cimeiro da classificação.

Findo o dia de jogos, que decorreu entre as 9 e as 19 horas, com entrega de troféus, a tabela de classificados

o 1º Troféu Inês Negra alinhou-se assim:

- 1º – Arealonga FS Chapela
- 2º – ACRD Nespereira
- 3º – ADC Vilaça
- 4º – SC Melgacense

PIZZARIA

T. 251 403 058



Inovação é o que nos distingue

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA
SECUNDÁRIA



MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO

MDOC 2021: 5 dias, 31 histórias do mundo que passam pela Casa da Cultura até 8 de Agosto

João Martinho

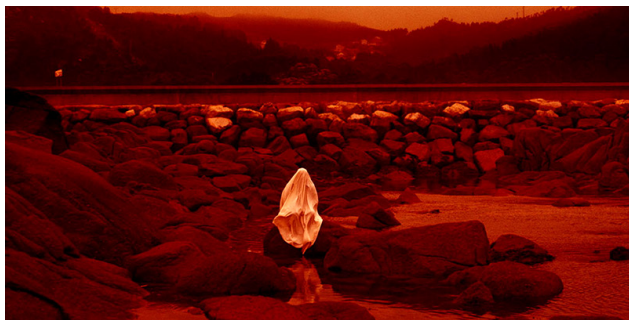


A sétima edição do festival decorre de 2 a 8 de agosto e este ano o Prémio Jean Loup Passek conta com 31 documentários a concurso. 19 longas-metragens e 12 curtas e médias metragens, em que 9 dos documentários selecionados concorrem também na categoria de melhor documentário português. Todos os filmes concorrem também ao Prémio D. Quixote, atribuído pela FICC – Federação Internacional de Cineclubes.

O MDOC abre ainda, pela primeira vez, um concurso de cartazes de filmes de produção portuguesa ou galega, com data de produção posterior a 1 de janeiro de 2018.

Além do Prémio Jean Loup Passek, a programação inclui o curso de Verão **Fora de Campo**, as residências Cinematográfica e Fotográfica **Plano Frontal**, exposições, apresentação de filmes e ainda debates com vários realizadores nacionais e internacionais. É de destacar que durante a semana também vai decorrer a oficina de Verão **TRABALHO**, lecionada pelo realizador Pedro Costa, que resulta de uma colaboração com La Plantación – Encuentros e Conocimiento. O MDOC acontece com a maioria das atividades presencialmente, respeitando todas as regras da DGS.

O projeto **Quem Somos os Que Aqui Estamos** apresenta este ano os resultados do trabalho produ-



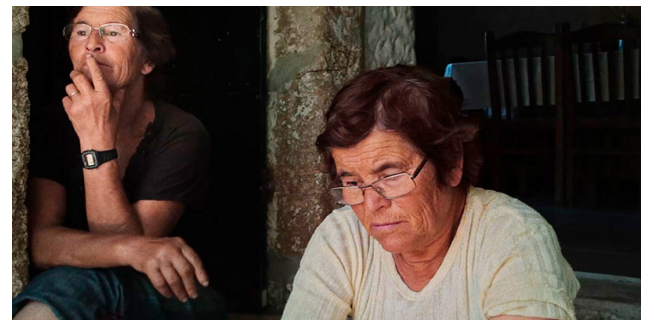
zido nas freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro. À semelhança dos anos anteriores, uma equipa da AO NORTE, entidade organizadora do festival, tem produzido um estudo minucioso sobre as gentes de Melgaço, focando-se a cada ano numa parte do território do município. Coordenado por Álvaro Domingues



e produzido por Rui Ramos, conta com a colaboração de Albertino Gonçalves, do antropólogo Daniel Maciel, do fotógrafo João Gigante e da equipa de audiovisual composta por Carlos Eduardo Viana, Miguel Arieira e Daniel Deira. O projeto conta ainda com um trabalho da realizadora Tânia Dinis.

Arquitetura popular em debate no 25º aniversário do Dia do Brandeiro

Nesta sétima edição, o MDOC vai associar-se à comemoração do 25º aniversário do **Dia do Brandeiro**,



festa que celebra a transumância e é uma homenagem aos construtores da comunidade agropastoril da Branda da Aveleira. O programa inclui a projeção de um documentário, um debate sobre arquitectura popular com a participação dos arquitectos António Menéres e Fernando Cerqueira Barros, do geógrafo Álvaro Domin-



gues e de José Rodrigues Lima, o grande impulsionador desta celebração, uma visita à Branda da Aveleira e a inauguração de duas exposições do fotógrafo Luís Miguel Portela.

O MDOC Festival Internacional de Documentário de Melgaço é organizado pela AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, em parceria com a Câmara Municipal de Melgaço. Desde 2014 que o festival pretende promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir sobre identidade, memória e fronteira e contribuir para um arquivo audiovisual sobre a região.

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

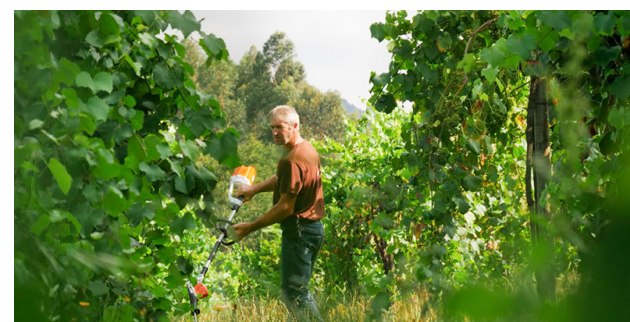
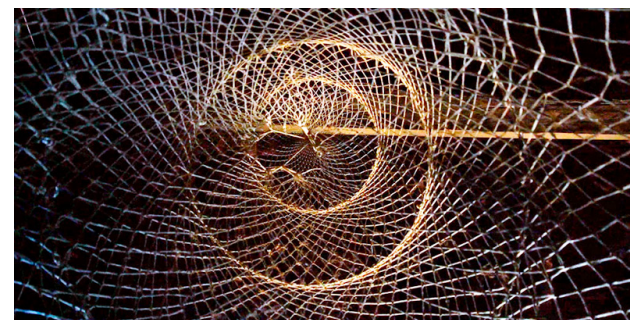
FISIOTERAPIA: Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados),
Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO
www.osteomais.com • clinica@osteomais.com

Tel. 251 401 078
Tlm. 969 195 272

MDOC: Quatro documentários em que Melgaço e os melgacenses de hoje são o centro das atenções

João Martinho



NO DIA 2 DE AGOSTO, primeiro dia da programação do MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, serão apresentados os quatro documentários em que a comunidade e a sua história são o centro da atenção.

A Casa da Cultura recebe, pelas 22 horas, a estreia das curtas e médias metragens documentais da edição de 2021, realizadas no âmbito da Residência Cinematográfica “Plano Frontal” de 2019.

As gravações efectuadas durante uma semana por quatro equipas de jovens realizadores, operadores de som e operadores de câmara, resultaram em quatro documentários que se propõe contribuir para um arquivo audiovisual sobre o património imaterial de Melgaço.

Alem desta primeira sessão na Casa da Cultura, os quatro filmes da Residência Cinematográfica de 2019 serão exibidos também em sessão especial ao ar livre na Sede da Junta de Freguesia da Gave no dia 4 de Agosto, pelas 22 horas.

Títulos e sinopses dos documentários que vão estar em exibição nestas duas sessões:

UM QUILÓMETRO ACIMA, de Sérgio Ferreira

No coração da comunidade de Melgaço, enraizada ao passado pelas suas tradições, passadas de geração em geração, surge uma adversidade contemporânea. Na resistência contra as mudanças climáticas vive-se a ambição de uma vinha, plantada a uma altura nunca antes alcançada, num lugar inóspito, mas com sabor a esperança.

Intervenientes: Miguel e Flávio | **Direção de Fotografia:** Rodrigo Oliveira | **Montagem:** Sérgio Ferreira, Rodrigo Oliveira, António Gonçalves | **Captação e Mistura de Som:** António Gonçalves

ALMA DA TERRA, de Nídia Nascimento

A amplitude e a diversidade fisiográfica que caracterizam a fronteira de Melgaço ofereceram múltiplas possibilidades de passagem na época do contrabando e da emigração a salto. E é neste lugar mítico que nascem as raízes de uma artista multifacetada.

Madalena Lima contagia-nos pela sua inteligente,

expressiva e irónica forma de ser. A sua obra celebra tradições e oportunidades, assim como desvela contradições e fragilidades, experiencia novas técnicas sem negligenciar o conceito. Ao contar a sua história entramos em simbiose com os marcos que imprimem uma identidade única a esta terra minhota

Intervenientes: Madalena Lima | **Imagem:** Lucas Fidalgo, Nídia Nascimento | **Som:** Paulo Duarte | **Colaboração:** Hugo Sousa | **Montagem:** Nídia Nascimento

AOS NETOS QUE DEUS NOS DEU, de Filipe Nunes Branco e Inês T. Alves

Os dias quentes de verão da Daniela são ocupados em brincadeiras com a amiga, que sugerem aquelas de um tempo não tão distante de quando eram crianças.

A partir do diário poético da avó Gininha são lembrados momentos da vida da neta Daniela, enquanto ambas tentam ultrapassar a distância temporal que as separa. O retrato de uma ruralidade em mudança, que é povoado de memórias envolvidas pelos modos de vida contemporâneos.

Intervenientes: Virgínia Gonçalves, Daniela Gonçalves e Juliana Pires | **Imagem:** Inês T. Alves | **Som:** Filipe Nunes Branco | **Montagem:** Filipe Nunes Branco e Inês T. Alves

LINHA FLUIDA, de Kopal Joshy

Linha fluida é uma recolha de uma de muitas histórias testemunhadas no Rio Minho no seguimento do difícil período da ditadura em Portugal.

Imagem: Pedro Mibielli || **Som** | **Edição** | **Mistura de Som:** José Bica || **Montagem:** Kopal Joshy

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

RJO Adérito
restaurante
capacidade para 250 pessoas

*casamentos • baptizados • comunhões
aniversários • serviço de catering • diárias*

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716
restauranteoaderito@gmail.com
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

José Lourenço
Cerdedo - Roussas | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Alves
Cousso - Melgaço | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Gonçalves
Baldosa - Gave | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Jesus Esteves
Couto - P. Monte | 101 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Florentina Gomes
Souto - Paderne | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Daniel Castro Fernandes
Cousso - Melgaço | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Adriano Carvalho Ribeiro
Lamas de Mouro | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Agostinho de Caldas
Pomares - Paderne | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Maria José Pereira Carvalho
Paranhão - Penso | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



«A Voz de Melgaço» 01/08/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativa-mente, para efeitos de publicação, que no dia seis de julho dois mil e vinte e um, exarada a folhas **cento e vinte e nove e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE E UM - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **LUIZ CALDAS PENÚRIAS** e mulher **MARIA FERNANDA DE FIGUEIREDO**, casados sob o regime da comunhão de bens adquiridos, naturais ele da freguesia de Riba de Mouro, concelho de Monção, ela da extinta freguesia da Vila, deste concelho, residentes no lugar de Porreira, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, declararam:

Que retificam a escritura de justificação notarial lavrada no Extinto Cartório Notarial de Melgaço no dia **vinte e quatro de março de mil novecentos e noventa e oito**, exarada a folhas **vinte e cinco e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **Quinze - E**, em arquivo neste Cartório, no sentido de que os justificantes iniciaram a posse do dito prédio no ano de **mil novecentos e setenta e sete e não mil novecentos e noventa e sete** como por patente lapso ficou a constar, por contrato verbal que fizeram a Maria Leonor Vieites, solteira, maior e Luísa Vieites, viúva, ambas residentes no lugar de Maninho, da dita freguesia de Alvaredo, as quais haviam herdado de sua mãe Rosalina Vieites, não tendo efetuado a respetiva partilha e como entretanto estas faleceram, não foi possível reduzir a escritura pública o citado contrato de compra e venda;

Assim, **reafirmam serem donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do **Prédio Rústico** denominado **"CAMPO DE URJÁZ"**, composto de terreno de mato, cultura e vinha em ramada, **com a área de mil duzentos e noventa metros quadrados**, sito no lugar de URJÁZ, na dita freguesia de ALVAREDO, que confronta do NORTE com Adelino Octávio Gomes, do SUL com caminho público, do NASCENTE com Mário Pereira de Lima e do POENTE com José Joaquim da Cruz, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1784**, atualmente com o valor patrimonial de 140,52€ e ao qual **atribuíram o valor de NOVECENTOS E NOVENTA E SETE EUROS E SETENTA E DOIS CÊNTIMOS**.

Que o referido imóvel não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e possuiu o mesmo em nome próprio, **há mais de vinte anos**, não tendo, como atrás se refere, qualquer documento legal que

lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade sobre o mesmo, posse que sempre exerceram sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, pagando todas as contribuições, taxas e impostos, usufruindo-o, e colhendo os respetivos frutos;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a **posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio** do prédio desde **mil novecentos e setenta e sete** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, seis de julho dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/08/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativa-mente, para efeitos de publicação, que no dia vinte e oito de julho de dois mil e vinte e um, exarada a folhas **cinquenta e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **VINTE E DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **JOÃO LUÍS BARREIROS SOUTELO** e mulher **MARIA ISABEL LIMA DE CARVALHO SOUTELO**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais ele da extinta freguesia de Monção, concelho de Monção, ela da freguesia de Arcozelo, concelho de Ponte de Lima, residentes no Caminho da Canhoteira, número 130, lugar de S. Roque, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte bem imóvel, sito na indicada freguesia de **PADERNE, não descrito** na competente Conservatória do Registo Predial:

Prédio Rústico, denominado **"FONTAINHA"**, sito no lugar de FONTAINHA, composto por terreno de cultivo e vinha, **com a área de mil e duzentos metros quadrados**, a confrontar de NORTE com Caminho Público, de SUL com Armando Meleiro, de NASCENTE com Fernando Moreira da Silva e de POENTE com Caminho Público e Armando

Meleiro, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 770**, com o valor patrimonial tributário de € 197,60;

Que desconhecem o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade e adquiriram o citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e oito**, já no estado de casados, por compra verbal que fizeram a Joana Augusta Vaz Midões Ferreira Sales e marido Vítor Manuel Ferreira Sales, residentes ela que é e ele que foi na residentes na Rua dos Soeiros, número 337, sexto esquerdo, freguesia de São Domingos de Benfca, concelho de Lisboa e a Maria José Vaz Midões Domingues e marido Pedro José Fernandes Domingues, residentes na Rua Doutor Faria de Vasconcelos, número 6, quarto esquerdo, freguesia de Beato, concelho de Lisboa, sem que tenha sido lavrado o competente título formal para titular a referida compra e venda;

Que, no entanto, desde essa data entrado na posse e fruição do referido prédio, procedendo à sua limpeza, cultivando e colhendo os respetivos frutos, sulfatando a vinha, amanhando-o, usufruindo de todas as suas utilidades, administrando-o com ânimo de quem exercita direito próprio e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio há mais de **vinte anos** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e oito de julho de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/08/2021
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativa-mente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte de julho de dois mil e vinte e um**, exarada a **folhas quinze e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas

número **VINTE E DOIS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **CARLOS ALBERTO ESTEVES**, divorciado e **MARIA AUGUSTA SALGADO**, divorciada, naturais da freguesia de Cristoval, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Sobreiro, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do **Prédio Rústico**, denominado **"PEREIRA"**, sito no lugar de **PEREIRA**, freguesia de **CRISTOVAL**, concelho de **MELGAÇO**, composto por terreno de cultivo e vinha, com área de **cento e quarenta metros quadrados**, a confrontar de **NORTE** com Porfírio Alves, de **SUL** com Júlio Lourenço de **NASCENTE** com José Joaquim Salgado e de **POENTE** com Rufina Vidal, **não descrito** na Conservatória do Registo Predial de **Melgaço**, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1616**, com o **valor patrimonial tributário e atribuído de € 14,12**, desconhecendo o artigo da antiga matriz rústica, o que declaram sob sua responsabilidade;

Que entraram na posse do referido prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e setenta**, ainda no estado de **casados**, por doação verbal que lhe foi feita pelos pais do justificante marido Manuel José Esteves e Júlia de Jesus Pereira, residentes que foram no lugar da Porta, na dia freguesia de Cristoval, que não chegou, contudo, a ser devidamente formalizada;

Que desde essa data, entraram na posse do bem, em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, aproveitando todas as suas utilidades, cultivando-o, amanhando-o, limpando-o, colhendo os frutos e suportando os respetivos encargos e despesas de fruição, inicialmente no estado de casados e tendo posteriormente os justificantes se divorciado sem ter feito partilha do referido bem;

Que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e setenta** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte de julho de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves

De toda esta confusão em que vivemos, continuamos sem saber qual o plano que Portugal tem para sair desta pandemia

Abílio Francisco Conde

De toda esta confusão em que vivemos, continuamos sem saber qual o plano que Portugal tem para sair desta pandemia que nos tem assolado numa forma inimaginável. Vários têm sido os momentos em que fica evidente que Portugal não tem uma estratégia para combater este vírus terrível que muda de variante a todo o momento, tornando-nos a vida difícil de seguir um rumo de felicidade.

E isto tanto no aspecto sanitário como no económico. Não se pode afirmar que uma situação destas seja fácil para um governante ou que tudo o que governo faz está mal. Contudo, este juízo não pode servir para desculpar o completo desnorte que o governo socialista de Costa tem demonstrado já em várias ocasiões. Na saúde, ora confina, ora desconfinar, ora volta tudo ao mesmo, como se viu na Liga dos Campeões, no Porto e na vitória do Campeonato pelo Sporting, em Lisboa, havendo quem diga que essa grande festa do Sporting foi a origem do enorme surto do vírus na capital e Vale to Tejo. O Campo Pequeno pode dar concertos musicais mas não pode permitir touradas. O presidente da república num dia vem dizer que o país não pode retroceder nas restrições e António Costa no dia seguinte faz o contrário. Por outro lado, há países que nos colocam nas listas de interdição mas o governo não faz igual a eles. É uma saga de episódios sucessivos que todos conhecem e que provam a falta de plano deste governo de esquerda para Portugal sair desta grave crise epidémica em que está grandemente atolado. Em termos económicos, o cenário é igualmente negativo e altamente preocupante. Bem sabemos com o verão, com as fé-



rias, com a necessidade de descanso e com as eleições autárquicas que se avizinham tudo será utilizado para distrair as pessoas dos problemas reais e difíceis que o país atravessa. O primeiro ministro pode anunciar grandes obras, mas sem dinheiro não pode fazer nada. Os candidatos autárquicos podem prometer mundos e fundos mas quando souberem da situação crítica em que vivemos não vão poder também fazer nada. Os ministros podem andar todos risonhos a falar na «bazuca» como solução dos problemas mas não dizem a verdade pois o dinheiro dela não pode ser todo utilizado nos prejuízos da pandemia. As moratórias estão a ser prolongadas mas lá chegará o dia para as pagar e depois vai ser o grande problema para resolver e já estamos a ver o filme: vamos ser nós a aguentar a despesa como é com a TAP, com o BES e outros, que enumerá-los seria fastidioso. Escrever isto é doloroso mas os portugueses têm de saber a verdade e exigirem que não lhes escondam nada para não serem enganados nas próximas eleições que se avizinham, no dia 26 Setembro do corrente ano.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Julho 2021

Desde Santa Luzia

José Senra

Expectativas Goradas

A Economia anda mal há muitos, muitos anos. Ricos cada vez mais pobres e, pobres cada vez mais pobres. Horário de trabalho e remuneração certa e a horas, já não me recordo de ser assim.

Entraram no vocabulário popular palavras difíceis como, déficit, superavit, extranumerários, recibos verdes, trabalhadores quase sem jorna e sem direitos.

Uma Justiça que urge internar nos cuidados intensivos. Não ata, nem desata. O vil metal faz sentenças. O pobre porque foi arredado do corupcio societário, não tem como chegar aqueles senhores que falam tão caro e que fingem regular os conflitos. Os ricos, esses, os advogados inventam leis, vícios de Direito e conflitos de interesse, para os seus clientes levarem sempre a água ao moinho deles.

A velhinha lei da oferta e da procura serve só para aumentar o preço dos cabazes básicos. Tudo sobe e raramente desce. Quando descem os governos fazem um alarde que parecem estar a governar para os mais desfavorecidos. Puro engano, haverá alguma alínea que torna o acesso impossível para os mais carentes.

Na saúde tínhamos algo tipo em quatro tempos: Ricos no privado, pobres no público, coisas graves e emergentes, obviamente públicas e consultas divididas

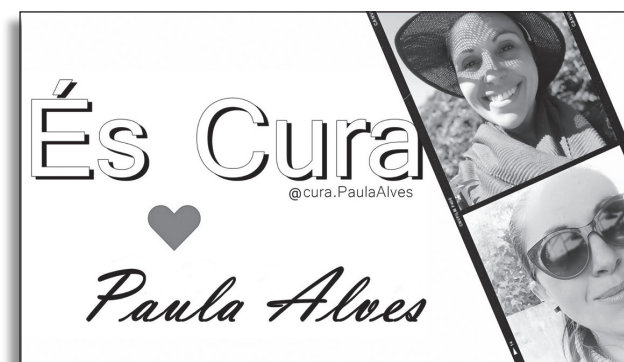
entre um público e um privado, mas com dinheiros públicos.

Depois apareceu uma epidemia ali para os lados do Oriente, donde o Sol nasce, e cuja existência foi negada, omitida e onde também lavaram as mãos. Depois a pandemia moveu-se e de repente estava na Europa, América do Norte e do Sul e, já não era uma epidemia. É uma pandemia. E a saúde privada desapareceu. Começamos a ver, ler e ouvir que os enfermeiros estavam a caminhar para a exaustão. Exaustos também ficaram os médicos. E ninguém sabe de nenhum medicamento e vacinas não existiam. Os hospitais enchem, casas ficam desertas, famílias são separadas. E, de repente, começamos a ouvir falar de testes para vacinas e de medicação para combater os efeitos mais comuns desta epidemia.

Curiosamente as soluções estão a vir do Oriente também. Exportaram o «vírus», venderam os meios de diagnóstico e agora impingem-nos as soluções. Lucram triplamente.

Neste hiato, as pessoas descobriram que não precisavam de tanta coisa para serem felizes. Ir à rua beber café, ouvir uma criança deitar o pião, era a suprema felicidade que há tantos «quartéis» houvérmos perdido.

O futuro começa agora. Cada um de nós tem dentro de si, tudo o que precisa para atingir uma vida boa e feliz nesta vida do dia-a-dia.



#És Cura | N.º2: A jornada de conhecimento pessoal

Em Fevereiro deste ano, criei uma página nas redes sociais («modernices», dirão alguns), com o nome «És Cura».

São textos soltos, com exploração de palavras-chave e ideias, com recurso a fotografias (maioritariamente da minha autoria) e com músicas que gosto de partilhar para nos acompanharem ao almoço. Mas todas estas partilhas têm um objectivo comum: poderem ser inspiração e incentivo a sermos melhores.

Não melhores que ninguém. Apenas e só, sermos melhores sendo a pessoa que somos, por referência à pessoa que já fomos ontem ou, como gosto de dizer, «há tanto tempo atrás que parecem já outras vidas».

Este projecto surgiu da vontade de contribuir, com uma semente de amor e dedicação, para esta jornada de conhecimento pessoal que (acredito) pode ajudar-nos a todos a lidar com esta desorientação que vemos a acontecer à nossa volta (e, quiçá, dentro de nós também).

O maior desafio de evolução é o pessoal. Talvez por isso seja tão duro e andemos a esquivar-nos dele tanto tempo.

Todos nós somos seres maravilhosos, com um imenso poder, mesmo que não o usemos de forma plena ou da forma mais útil e positiva.

Diria mais até: sem reconhecermos que esse dom existe em mim, e que ele está ao meu alcance, se assim o quiser.

Começar por olhar, a sério, para nós mesmos e para todas as nossas dimensões (para o que sentimos, pensamos, fazemos e também para o que deixamos de sentir, evitamos pensar, escolhemos não fazer...), é o primeiro passo para que a real transformação aconteça.

Acredito que só depois de reconhecermos o que é sombra, ou o que dói, poderemos começar uma cura. Já dizia a sabedoria popular que «O que arde cura». E como os Antigos eram sábios! Não sei se temos esta consciência, mas a cura está em nós.

E as próprias palavras trazem-nos essa resposta:

«Escuro» diz respeito à sombra, ao breu, à noite. À confusão, se a quisermos usar num sentido mais figurado.

Mas se pegarmos nessa palavra e a transformarmos em duas, com um espaço entre o «es» e o «cura», esta expressão ganha um novo sentido (oposto, no meu entender): deixa de ser trevas e torna-se em «És Cura». Ganha luz; materializa a alegria da resolução de um problema ou de uma doença; e simboliza a clareza e a vitória, motivos de celebração e de evolução.

Eu acredito, de facto, que a solução para a escuridão, está precisamente neste espaço do SER:

- «és» é a 2ª pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo Ser.

E quando realmente nos permitimos SER, a cura acontece e deixa de haver lugar para o negrume.

Permita-me propor-lhe estas reflexões mensais neste espaço de jornal:

- acredito que elas podem abrir as portas que arejam o nosso espaço interno. Isto permite que nos ajudemos, mutuamente, a reconhecer e a gerir muita da tralha que vamos acumulando no nosso coração e na nossa mente/memória (o que só nos torna pesados, ao invés de nos trazer leveza).

- acredito que, em conjunto, crescemos e evoluímos todos, e aprendermos juntos, cada vez mais, sobre esta arte de viver!

Com carinho

Declaração Patrimonial da Branda da Aveleira (2016) | Gave-Melgaço

José Rodrigues Lima

No dia 6 de Agosto de 2016, em que celebramos festivamente o Dia do Brandeiro, renovamos a Declaração Patrimonial de 7 de Setembro, 1996.



Os brandeiros que comungaram com estes pedaços de terra, onde cada espaço está denso de permanência e universalismo, foram

protagonistas e construtores de uma trama espessa e indissolúvel, em que os factores geográficos, ecológicos, económicos e de adaptação operaram uma constante simbiose que contribuíram para a coesão social, neste conjunto harmonioso de montanha.

Celebre no âmbito ecológico ficou a Carta do chefe Seattle, escrita em 1854 e endereçada ao então presidente americano Franklin Pierce como resposta à proposta de compra de uma grande extensão de terra índia, feita pelo grande Chefe branco de Washington

“... Por fim, talvez sejamos irmãos...”

... Cada parcela desta terra é sagrada para o meu povo...

... Somos parte da terra e do mesmo modo ela é parte de nós próprios. As flores perfumadas são nossas irmãs, o veado, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos; as rochas escarpadas, os húmidos prados, o calor do corpo do cavalo e do homem, todos pertencemos à mesma família...

... A água cristalina que corre nos nossos rios e ribeiros não é somente água; representa também o sangue dos nossos antepassados...



... Que seria dos homens sem os animais? Se todos fossem exterminados, o homem também morreria de uma grande solidão espiritual. Porque o que suceder aos animais, também sucederá ao homem. Tudo está ligado.

Devem ensinar aos vossos filhos que o solo que pisam são as cinzas dos nossos avós. Ensinem aos vossos filhos que a terra está enriquecida com as vidas dos nossos semelhantes, para que saibam respeitá-la. Ensinem aos vossos filhos aquilo que nós temos ensinado aos nossos, que a terra é nossa Mãe.

Tudo o que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra.”

Propomos para o espaço geo-cultural da Branda da Aveleira:

1. Que a mesma seja classificada como paisagem protegida;
2. Que se proceda a uma florestação equilibrada com espécies autóctones e protegidas, como o carvalho, o videiro, o castanheiro, o azevinho e outras;
3. A criação de um eco-museu em que as cardenhas ocupem um lugar de destaque;
4. Aproveitar a Branda para o turismo serrano e cultural, mas moderado;



5. Que se promova todos os anos o Dia do Brandeiro, aproveitando para o convívio e contributo valioso para a resolução dos problemas que os preocupam e para a preservação e promoção destes espaços;

6. Fomentar a educação patrimonial para “olhar o futuro do passado”.

Acrescentamos à Declaração de 1996:

7. De acordo com a Carta da Terra (2000) “transmitiremos às futuras gerações valores, tradições e instituições que apoiem, a longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológica da Terra;

8. Perspectivamos “adoptar em todos os níveis, planos e regulamentações ao desenvolvimento sustentável que façam com que a conservação e a reabilitação ambiental sejam parte integral de todas as iniciativas do desenvolvimento;

9. Sugerimos o objectivo do Ano Internacional das Montanhas (2002) que preconiza “incrementar a consciência e o conhecimento dos ecossistemas de montanha, suas dinâmicas, seu funcionamento e sua importância decisiva em proporcionar alguns bens e serviços estratégicos para bem estar dos habitantes das terras



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF Nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

altas e das terras baixas, tanto no contexto urbano como rural, particularmente o fornecimento de água e segurança alimentar”;

10. Conforme doutrina expressa na Encíclica “Laudato Si” (Sobre o cuidado da casa comum) (2015), do Papa Francisco: “integraremos a história, a cultura e a arquitectura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original”.

Esta Declaração Patrimonial do ano 2016 foi assinada pelas autoridades presentes, pelos representantes de instituições e por todos os participantes no festivo Dia do Brandeiro.

Este ano, no 25º aniversário reafirmaremos o nosso empenho na prossecução destes objectivos.

Quem é, afinal, o dono disto tudo?

José Albano Domingues

Num recente estudo elaborado por técnicos da Câmara Municipal de Melgaço, designado “Estratégia Local de Habitação”, e que foi conhecido na Assembleia Municipal de 27 de fevereiro de 2021, traçando-se, a vários níveis, uma radiografia do concelho, vinham expressos indicadores preocupantes do que constitui, nos dias de hoje, a nossa realidade local, e que entendo deveriam provocar uma reflexão coletiva, acerca do ponto para onde caminhamos.

Falamos, concretamente (o que em tal estudo vem apontado), do despovoamento ou crescente perda populacional (que desde os Censos de 2011, em 10 anos, diminuiu 11,6%, o que significa cerca de 1.100 pessoas), do envelhecimento da população, do défice no binómio saída/entrada de pessoas no concelho, do aumento do desemprego (que no grupo etário dos 25 aos 34 anos duplicou em 2020, e particularmente o desemprego de longa duração), terminando na perda de poder de compra (que é, *per capita*, o mais baixo da região em que nos encontramos inseridos, e muito reduzido mesmo quando comparado com a região norte e a sub região do Alto Minho).

Saíram agora, de resto, os resultados preliminares dos últimos Censos da população. Afinal perdemos, nos últimos 10 anos, 15,6% da nossa população (e não 11,6%, como constava do aludido estudo), o que corresponde ao triplo da média do distrito de Viana do Castelo. Estamos na cauda do distrito em praticamente todos os indicadores.

Batemos, afinal, no fundo, e não podemos assobiar para o lado, fazendo de conta que em Melgaço está tudo bem.

Creio todos estarmos de acordo que face à descrita realidade é urgente e imperioso reverter as dinâmicas demográficas, económicas e socioculturais, mormente em ordem a atrair população mais jovem, mais qualificada e, com isso, mais e melhor emprego.

Referia-se, ainda no referido documento, em matéria do parque habitacional, a existência de habitações, nas quais o Município de Melgaço tem responsabilidades, como é o caso das casas de habitação social e das do Bairro Senhora da Graça, em situação aí qualificada como “indigna”.

Em tal estudo realça-se ainda que o preço médio do mercado de arrendamento no concelho de Melgaço se fixava, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, em 215,67 Euros, considerado um valor excessivo e que afasta eventuais interessados em aqui residir.

Ora, um dos temas discutidos, e votados, na última Assembleia Municipal, do dia 26 de junho de 2021, constava da “Análise e Deliberação da Proposta de Assunção de Compromisso Plurianual, no âmbito do Protocolo de Colaboração com o IPVC para Criação de Alojamento”.

Estamos concretamente a falar do arrendamento de uma parcela de terreno privada, para a instalação de construções modulares, vulgarmente conhecidas por “bungalows”, nas imediações da Escola Superior de Desporto e Lazer (“ESDL”), no denominado “Monte de Prado”, com vista a serem ocupados por estudantes.

Tivemos, na dita Assembleia, oportunidade de expressar a nossa preocupação pelas carências que se verificam ao nível do alojamento para albergue dos estudantes do Pólo de Melgaço do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Colocamos, a propósito deste assunto, várias questões ao senhor Presidente da Câmara Municipal, umas não respondidas e outras que apenas o foram após muitas insistências da nossa parte.

O senhor Presidente da Câmara recusou-se, nomeadamente, a informar a Assembleia acerca da identificação do proprietário do terreno a arrendar, terreno este que só com persistência nas questões foi assumido como sendo um prédio rústico, de mato e árvores, (atualmente) sem potencialidade construtiva, com a área de 2.400,00 m². Estamos, pois, usando linguagem corrente, a falar de uma simples “Coutada”.

O valor da renda proposto para ser paga pela Câmara Municipal de Melgaço é de 1.200,00 Euros por mês, o que soma 14.400,00 Euros por ano e perfaz 216.000,00 Euros no contexto dos 15 anos do projetado contrato.

Face aos números acabados de aludir como compreender, pois, que se defenda (como no referido estudo, mandado elaborar pelo senhor presidente da Câmara e Executivo PS) que uma renda de 215,67 Euros por uma habitação, em Melgaço, é uma renda cara?!

O senhor Presidente da Câmara também não nos soube dar uma qualquer explicação acerca dos cálculos feitos, ou de como é que se chegou ao concreto valor daquela renda. Porquê 1.200,00 Euros e não 200,00 Euros, por exemplo? Ficamos sem saber.

Mas sabemos que 1.200,00 Euros corresponde, grosso modo, à renda de seis apartamentos de tipologia T2 no centro urbano da Vila;

Que 1.200,00 Euros é muito mais do que o Município vem, desde há longos anos a esta parte, a pagar pelo arrendamento dos vários espaços físicos dos Estaleiros Municipais;

E que 1.200,00 Euros supera, em exatamente 450,00 Euros, o que o Município de Melgaço vai pagar à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço pelo arrendamento de todo o edifício do antigo Quartel dos Bombeiros, situado em pleno centro da Vila - 750,00 Euros.

No final dos 15 anos do contrato de arrendamento cada metro quadrado do dito terreno terá gerado uma renda de 90,00 Euros (e atenção a que estamos a falar de simples arrendamento, não de compra do terreno). Isto sim, é obra!.

Ou estamos perante um verdadeiro negócio das arábias, ou então há (outros) proprietários que estão a receber muito pouco pelo arrendamento, ou expropriação, dos seus bens imóveis rústicos, de igual natureza ou composição, que a Câmara Municipal de Melgaço está a pagar a 4,00 Euros o m².

Perguntamos, ainda, se ao se deslocalizarem os estudantes para um terreno nas imediações da Escola Superior se não estará a retirar alguma da vida e do movimento de que o núcleo urbano da Vila tanto carece.

Questionamos, depois, o porquê de não se requalificar, por exemplo, o edifício da antiga Escola Primária da Vila, que se encontra livre e devoluto, transformando-o numa residência estudantil, ou em espaço de alojamento para os estudantes, e se tal requalificação não seria conseguida, no todo ou em larga medida, com os 216.000,00 Euros que se vai pagar de renda pelo referido terreno e contrato. Nada, a este propósito, nos foi respondido.

E perguntamos, finalmente, o porquê, mesmo que se

pretendesse manter os estudantes nas imediações da Escola Superior, da não colocação (ou instalação) dos bungalows no espaço baldio, até mesmo nas imediações da Pousada da Juventude, já utilizada para os mesmos fins (de alojamento de estudantes), e quando certo é que desses baldios já foram desafetados vários hectares de terreno para outras infraestruturas, tais como o Centro de Estágios, o Hotel Monte de Prado e a dita Pousada da Juventude, existindo, de resto, milhares de metros quadrados, resultantes dessa desafetação, que já são propriedade do Município e se encontram atualmente livres e disponíveis.

Após a colocação destas questões, e insistência na resposta, o senhor Presidente da Câmara insurgiu-se, de forma enérgica e veemente, contra aquilo que qualificou de insinuações. Porém em momento algum nos explicou que cálculos foram feitos para se chegar ao concreto valor da renda cujo pagamento se propunha, nem tão pouco identificou o feliz contemplado com esta verdadeira lotaria.

Não podemos deixar de nos insurgir contra a falta de respostas, mais a mais quando o senhor Presidente da Câmara conhece, como confessou, o nome do proprietário.

É que a referida renda não será paga pelo senhor Presidente da Câmara com dinheiro do seu próprio bolso, mas antes com as receitas do Município, e, por conseguinte, com o dinheiro dos nossos impostos, enquanto contribuintes.

Apesar disso, entende que os deputados da Assembleia Municipal, que representam o eleitorado de Melgaço, e por intermédio deles todos os Melgacenses, não têm nada que saber para onde é que vai, ou aonde é que é gasto, o nosso dinheiro!

Já ouvimos dizer que o dono de uma tal lotaria é, afinal, um histórico do PS local, e até membro da Mesa da Assembleia Municipal, que, por coincidência, faltou, alegando motivos de saúde, na Assembleia onde este assunto foi votado, mas que na noite desse mesmo dia terá sido visto a confraternizar em convívio por ocasião do São João de Alvaredo.

Se assim for (ligado ao PS e membro de um órgão autárquico), temos o sucedido por profundamente vergonhoso e eticamente reprovável. Se o não for que se venha desmentir o que já ninguém deixa de comentar.

Salientamos o facto de a proposta ter sido votada favoravelmente (sem exceção) por todos os deputados municipais eleitos pelo PS e por todos os senhores Presidentes de Junta, apenas os deputados da Coligação de direita se tendo abstido ou votado contra.

Não nos parece, de resto, nada bem que tais deputados tenham sido colocados, pelo Executivo PS, na, delicada, desconfortável, e constrangedora, posição de ter de votar, favoravelmente, uma tal proposta, mas certo é que se cada um de nós tem cabeça é para pensar por si próprio e decidir em consciência.

Tendo em conta a aprovação pela maioria socialista, restar-nos-á, pois, pagar, e pagar principescamente, mas sem direito a saber para onde, ou para quem, é que vai o dinheiro de todos nós.

Continuo a perguntar-me, tantas vezes, se os valores do 25 de Abril chegaram, de facto, ao concelho mais a norte de Portugal.

Pela Coligação PPD/PSD-CDS/PP, o deputado municipal



MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em www.mmira.pt.

Vendem-se

Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

Têm muita água própria.

Contactos:
251 414 973 / 969623094

Misericórdia de Melgaço assinala 504 e apresentação de projecto turístico

João Martinho

No mês de Julho, a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço assinalou os 504 anos de compromisso com a comunidade melgacense com inaugurações, apresentação de novos projectos e um olhar especialmente atento ao património artístico da instituição.

Foram oficialmente inauguradas as obras de requalificação do edifício da infância que acolhe a creche e o Jardim de Infância, em cerimónia que contou com a presença do Presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, do presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, das vereadoras Maria José Pinho e Maria José Dias, dos Provedores de Misericórdias do distrito, além de membros dos órgãos sociais da instituição,

Um dos momentos altos das comemorações do 504º aniversário da Misericórdia melgacense prendeu-se com a primeira apresentação do projecto de revitalização do Solar de Eiró, uma das emblemáticas e históricas obras da instituição, que poderá ver revalidada a sua missão, agora no sector do turismo.

O Solar de Eiró, “edifício de valor histórico” onde surgiu a primeira das respostas de lar para idosos da Misericórdia de Melgaço, estava abandonado e já sem enquadramento na área social, que na última década implementou e inaugurou património modernizado e vocacionado para a área social.

“Temos dois edifícios novos ou renovados para a infância, dois lares, portanto não temos ali nenhum projecto na área social propriamente dita. Por outro lado, temos a questão da sustentabilidade. Se conseguíssemos aliar um projecto que nos permitisse recuperar aquele património e gerar alguma rentabilidade para nos ajudar a financiar as actividades sociais, seria o ideal”, notou o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, Jorge Ribeiro.

Visando adaptar o património histórico edificado para a sustentabilidade da instituição, a Misericórdia melgacense construiu uma proposta destinada à criação de uma unidade hoteleira com 18 módulos tipo T1 que prevê aumentar a oferta de 18 a 20 camas na hoteleira do concelho.

“É um edifício lindíssimo, emblemático e com uma vista fantástica para todo o vale do Minho e Galiza”, notou o provedor da misericórdia, avançando que o edifício do actual Solar funcionará, na apresentação deste primeiro projecto, enquanto sede e serviços de apoio.

Aproveitando o declive do terreno, com uma área útil disponível para construção na ordem dos três hectares, serão construídos 18 a 20 módulos residenciais (um género de aparthotel), correspondentes a 18 ou 20 camas, na extensão do terreno entre o edifício solar e o regato, ao fundo da propriedade.

Face à necessidade de investimento e sustentabilidade das actividades da Misericórdia de Melgaço, o provedor Jorge Ribeiro indica que há algumas hipóteses em estudo para que a concretização do desenho agora apresentado se torne realidade.

“Já começamos a desenvolver alguns contactos nesse sentido, para que se faça investimento com este projecto ou com alguns ajustes que [o parceiro] entenda fazer, mediante protocolo a estabelecer; ou através de um programa de fundos comunitários que seja suficientemente interessante para a Misericórdia avançar por si só com o projecto, possa investir e entregar a gestão a uma destas entidades”, esclarece.

Relativamente à hipótese de criação de instalações dedicadas ao turismo sénior, Jorge Ribeiro admite não querer, nesta fase do projecto, limitar as oportunidades daquele activo, preferindo abrir as opções aos potenciais investidores do empreendimento que poderão significar um considerável gerador de receita às actividades da Misericórdia de Melgaço.



Protocolo com o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde

Por altura das cerimónias de comemoração do aniversário, a Misericórdia de Melgaço firmou um documento que assegura vantagens para os utentes, Irmãos e trabalhadores no acesso aos cuidados de saúde prestados pelo hospital da Misericórdia de Vila Verde.

“Já há algum tempo, quando surgia algum problema de saúde com colaboradores, resultantes de acidentes de trabalho ou outros, pediam ajuda e encaminhávamos para o Hospital de Vila Verde, onde eram atendidos e eram cuidados com uma atenção especial. Fruto dessa experiência, lancei o desafio ao Provedor [da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde] Bento Morais para formalizarmos um protocolo onde pudéssemos criar condições especiais para utentes, colaboradores e Irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço”, notou o provedor da misericórdia local.

O protocolo, o primeiro de uma iniciativa que futuramente se estenderá às misericórdias do vale do Minho, contemplará descontos específicos consoante o serviço a prestar, mas assegura uma série de vantagens no acesso às especialidades ou exames médicos que aquele hospital de referência no distrito de Braga presta à comunidade.

A convite da Misericórdia de Melgaço, o Presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, marcou presença nas celebrações e pautou o seu discurso pela importância das misericórdias nas comunidades em que se inserem, reforçando a fidelidade de um apoio social que não muda de área de acção consoante ao benefícios fiscais, suportando, em vez dos benefícios, as dores das comunidades de onde as empresas partem quando as vantagens fiscais ou apoios comunitários findam.

Jorge Ribeiro reitera o discurso de Manuel de Lemos, assegurando que, além de não fazerem “descentralizações”, toda a receita das Misericórdias “é investida na terra”.

“Lancei o desafio ao Dr Manuel de Lemos para falar do papel das Misericórdias nos territórios do interior porque é também aqui que as Misericórdias mais falta fazem, enquanto dinamizador social e económico. É também aqui que têm mais dificuldades de sustentabilidade. Uma parte da receita das Misericórdias vem da Segurança Social, que é igual em todo o país, e outra parte vem do rendimento das famílias que pagam, da comunidade e está directamente indexada ao rendimento dessa comunidade. Se estamos a falar de uma comunidade, como é o caso de Melgaço, onde o poder de compra é um terço do de Lisboa, percebemos que os pagamentos das famílias são um terço ou menos

dos que serão em Lisboa, e os custos são os mesmos, porque estamos a falar de alimentação e mão-de-obra, que é regida por tabelas iguais em todo o país”, alerta Jorge Ribeiro.

Uma História em comum: Documentação da misericórdia e o arquivo do concelho

Com a cedência para tratamento, catalogação e consulta do arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço ao Arquivo Municipal, em Julho de 2017, o acervo histórico do concelho colmata assim uma lacuna com dois séculos da História do concelho.

Explicado de outra forma, convirá acrescentar que, dos 2139 documentos da Misericórdia de Melgaço, retrato da sua história entre 1516 e 1996, há documentos únicos que trazem outra luz sobre séculos em que o acervo municipal não consegue sequer adivinhar que acontecimentos marcaram aqueles tempos.

“Quem quiser consultar algo sobre a História de Melgaço dos séculos 16 e 17, os únicos registos que existem são os do arquivo da Misericórdia, não existem outros. Isto acontece em mais territórios, Melgaço não é caso único, mas até aí percebemos a importância de que se reveste e que temos tentado valorizar”, reforçou o Provedor da Misericórdia de Melgaço.

“As Misericórdias tinham uma organização fantástica. Eram um marco do reino. Em 1531, a Irmandade pede ao reino que lhe fosse entregue um Hospital, o de São Julião (de que existe ainda hoje a capela). Era sinal de que já havia uma organização robusta, 15 anos depois de 1516, data da criação da Misericórdia de Melgaço”, reforçou o provedor Jorge Ribeiro.

Restauro de um “Compromisso” (e actualização) com mais de cinco séculos

O Compromisso, um documento que era um “instrumento de trabalho” orientador da missão e intervenção das misericórdias junto da comunidade, é hoje um testemunho raro da vida da instituição ao longo da sua história.

Melgaço descobriu, ainda à altura das cerimónias dos 500 anos da instituição local, o décimo primeiro exemplar de um ‘regulamento’ do qual só se conheciam dez exemplares até 2017.

Face à importância da descoberta e à relação entre a Misericórdia local e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, A Direcção de Cultura da SCM de Lisboa “ofereceu” o restauro do documento, apresentado publicamente após dois anos de intervenção.

A rara edição de 1516, com 40 páginas, mas também uma ainda mais rara edição de uma actualização, datada de 1609 (da qual nem mesmo o arquivo da Misericórdia de Lisboa tinha conhecimento), foram objecto de restauro e estudo.

° aniversário com inauguração inovador

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MELGAÇO
500 Anos
Compromisso com Cinco Séculos

GABINETE DE INOVAÇÃO E PATRIMÓNIO

EU NASCI AQUI

Se nasceu no Hospital da Caridade da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, solicite o seu certificado de nascimento, de acordo com os Livros de Registos. O valor* do certificado reverte para a recuperação das seguintes obras: "José Cândido Gomes d' Abreu, provedor e benfeitor do hospital da Misericórdia ou da Caridade" e "Quadro com a lista de benfeitores da construção do hospital" e "Retrato de José Cândido Gomes de Abreu".

*O valor do certificado será de 10 euros

Mais informações:
Serviços administrativos: 251 402 646
Email: gip@scmmelgaco.pt
Rede Social Facebook



Esta recuperação foi apresentada por Francisco D'Orey Manoel, Director do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que realçou a importância deste conjunto de documentos, quer para a Misericórdia local, quer para o movimento das Misericórdias, por ser o único conhecido (no caso da actualização de 1609) até ao momento.

Certificado "Eu nasci aqui": Um comprovativo de pertença e de ajuda ao património cultural

O certificado "Eu Nasci aqui" dá título à campanha que visa reunir apoios para a recuperação do património artístico da Misericórdia de Melgaço.

No "sub-fundo" (ou sub-arquivo) da Misericórdia constava acervo importante do antigo Hospital. Contudo, as obras de arte arquivadas e agora trazidas à

luz encontram-se "bastante degradadas", entre elas um quadro com o provedor José Cândido Gomes de Abreu, que promoveu a construção do Hospital, mas também uma tela com a relação de beneméritos daquela obra.

Nesta tela, elaborada com técnicas de desenho que caberá aos especialistas identificar e recuperar dentro do possível, constam as doações devidamente discriminadas. Além das naturais doações em dinheiro, constam ainda as doações em "carros de bois", que traduziam para o papel a doação de pessoas que transportavam (em carros de bois, como devidamente identificado) pedra proveniente das muralhas de Melgaço.

"Parte da pedra que está aqui neste edifício, não sabemos se toda ou uma parte, vem das muralhas que

outrora defenderam Melgaço", admite o provedor Jorge Ribeiro.

A campanha agora levada a efeito pretende reavivar o afecto dos melgacenses nascidos neste que foi o único Hospital local.

"Ao apercebermo-nos disso, surgiu a ideia do "Eu nasci aqui", uma campanha para que as pessoas contactem os serviços, indiquem que nasceram aqui, dando os dados, que serão confrontados com os registos do nosso arquivo e, confirmando-se, emitimos um certificado com o numero de registo e o nome da pessoa", avançou Jorge Ribeiro.

O Certificado "Eu nasci aqui" terá um custo simbólico de dez euros, cuja verba será aplicada na recuperação das obras, quadro e lista de beneméritos do Hospital.



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL

TRAN
QUILI
DADE



ZURICH

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

Viagens na minha Terra – 2

A incomparável Linha do Douro

M. J. Lobo Elias



Margens do Douro vistas do barco a navegar no rio



De vez em quando aparece uma casa



O comboio MiraDouro visto do barco

Os grandes rios são referências ao longo das épocas históricas de movimento e desenvolvimentos civilizacionais, não só pela preciosa água que transportam mas ainda pela via natural de deslocação que habitualmente oferecem.

O rio Douro nasce em Espanha e atravessa o nosso país de Este para Oeste marcando um vale de referência para os povos que nesta zona habitaram.

Neste vale foi construída uma via férrea, já centenária, que segue o vale do rio acompanhando as curvas e as subidas e descidas do relevo e se estende agora por 160km de via utilizável entre o Porto e o Pocinho. Já fez a ligação até Paris como testemunha a narração de Eça de Queirós no livro “A Cidade e as Serras”.

As viagens de comboio possuem sempre um fascínio próprio mas a linha do Douro está incluída, a nível mundial, entre as vias férreas mais espetaculares.

Porquê o nome “Douro”?

Antes de mais, donde vem o nome Douro? Sempre me intrigou. Buscando a origem da palavra encontrei a indicação de que vem da palavra céltica “dur” que significa “curso de água”, termo hoje existente ainda no galês “dwr” que significa “água” e ainda no topónimo inglês “Dover” com igual significado. Esta referida língua galesa ainda hoje em dia é falada no país de Gales, uma região a SW de Inglaterra, mas mantendo ainda uma identidade muito própria que inclui, por exemplo, o direito à designação de “Príncipe de Gales” para o herdeiro do trono da monarquia inglesa. Uma espécie de reconhecimento

da especificidade e identidade dos galeses.

Os celtas, na verdade, ocuparam durante muitos séculos o nordeste Portugal incluindo a Lusitânia, muito antes dos romanos.

A tradição romana de vinha no Douro

Há indicações de que a plantação de vinha no Douro já venha do tempo dos romanos, e na verdade, foram achadas gralhas de uvas em escavações arqueológicas, perto de Mirandela, com mais de três mil anos. Mas é no final do Império Romano que os testemunhos da vitivinicultura começam a tornar-se mais significativos com a produção de vinho a tornar-se mais notória na Idade Média, com o apoio dos mosteiros da Ordem de Cister, então já existentes na Beira Douro.



Navegando num barco rabelo



Restaurante no Douro - Casa dos Ecos em Quinta do Bonfim - do Chefe Pedro Lemos (Estrela Michelin)



Os socalcos com as vinhas vistas do barco Rabelo



Margem do Douro - Sempre trabalhadas ao ritmo da ondulação da encosta



Pipa tradicional



O rio Douro mais a montante



A janela da sala do nosso almoço, no Pocinho

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior



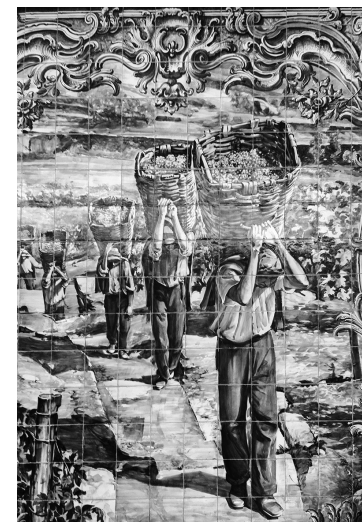
Estação na Linha do Douro - Azulejo de época



Azulejo tradicional da CP na Estação do Pinhão



Estação do Pocinho



A levar as uvas para o lagar

Na verdade a designação de «Vinho do Porto» aparece quando o vinho sai de Portugal para ser transacionado, principalmente para Inglaterra, e esse vinho do Douro era exportado pela Alfândega do Porto já no século XVII.

Património Mundial pela UNESCO

Foi há 250 anos que o Marquês de Pombal lançou as bases do que seria a Região Demarcada do Douro. A 10 de Setembro de 1756, por alvará régio de D. José I, foi criada a «Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro», também denominada «Real Companhia Velha».

Formada pelos “principais lavradores do Douro e pelos homens bons da cidade do Porto” foi a essa Real Companhia confiada, por Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, a missão de “sustentar a cultura das vinhas, conservar a produção delas na sua pureza natural, em benefício da lavoura, do comércio e da saúde pública”. Nesse mesmo ano, o futuro Marquês de Pombal criou, por lei, a Região Demarcada do Douro (RDD).

Uma grande distinção e reconhecimento cultural foi a classificação pela UNESCO da região do Alto Douro vinhateiro em 14 de Dezembro de 2001 como Património Mundial. A região classificada abrange 24.600 ha repartidos por 13 concelhos, a saber: Mesão Frio, Peso da Régua, Alijó, Sabrosa, Murça, Vila Real, Carrazeda de Ancieas, Santa Marta de Penaguião, Lamego, Tabuaço, Torre de Moncorvo, Armamar, S. João da Pesqueira e Vila Nova de Foz Côa.

O rio Douro insere-se em paisagens tão extraordinárias que se tornam inesquecíveis.

Existe um microclima específico gerado pela cadeia de montanhas que o protege da influência directa do Oceano Atlântico e que cria as condições favoráveis para a produção do mundialmente conhecido “Vinho do Porto”.

Permite ainda a sustentabilidade de paisagens especialmente cuidadas, que se impõem também pela sua beleza “de cortar a respiração” em qualquer estação do ano.

A região demarcada do Douro é a mais antiga do mundo.

Tradições transmontanas

Assim que li o programa surgiu um inevitável avivar de memórias das viagens de ida para Trás os Montes nas férias de verão para Favaios, uma povoação do tempo dos romanos atravessada por uma via romana. Inesquecível a vivência da azáfama das vindimas. Tudo ainda feito à mão e na forma tradicional, com o corte das uvas quase totalmente realizado por mulheres. Depois seguia-se o transporte dos enormes cestos, já cheios dessas deliciosas e famosas uvas moscatel, em grandes cestos, às costas dos homens, em fila, a caminho do lagar... Afinal tão bem reproduzidas nos azulejos azuis na estação do Pinhão como referimos.

Posteriormente, já de noite e à luz das lamparinas de acetileno, íamos ver os homens a pisar as uvas

dentro do lagar, de calças arregaçadas acima do joelho, ao som de uma cantilena ritmada que ajudava a marcar o ritmo: o início do processo para a elaborada obtenção do famoso Moscatel de Favaios.

A nossa viagem de comboio

Depois desta pequena introdução ligada a vivências e memórias, vamos iniciar a anotação da nossa viagem. Partimos da estação de S. Bento, no Porto, pelas nove e meia da manhã para a primeira etapa do percurso até à estação do Pinhão a bordo do bonito comboio MiraDouro que segue ao longo do Rio Douro pela margem, com uma visão magnífica que nos faz ir de pé junto da janela a maior parte do tempo.

Os lugares de janela dentro do comboio para usufruir completamente da paisagem deverão ser escolhidos do lado do rio, ou seja do lado direito, o que permitirá seguir sempre o conjunto do enquadramento do rio e da paisagem olhando pela janela! Um pormenor muito útil para desfrutar das belezas fantásticas da paisagem.

O nosso percurso até ao Pinhão durou pouco mais de duas horas em que não desviávamos os olhos do que exteriormente ia aparecendo, como um fascínio. Todas as janelas do lado direito, afinal as que se debruçavam sobre o rio e a sua paisagem lindíssima faziam os viajantes viajar de pé para uma observação mais abrangente e inesquecível.

Estação do Pinhão

Uma observação fascinante e inesquecível da paisagem até à estação do Pinhão. Nos seus belos azulejos figurativos com os traços azuis descreve-se a faina das vindimas tradicionais.

Descemos aqui para uma interessante e surpreendente visita guiada à Quinta do Bonfim, pertença há várias gerações da empresa familiar inglesa “Symington Family Estates”.

Considerada como “uma das maiores empresas mundiais produtoras de vinho do Porto premium, é a maior proprietária das vinhas no Alto Douro, e tornou-se um dos principais produtores de vinho em Portugal”. Como proprietários detêm quatro das grandes firmas históricas de vinho do Porto: Graham’s, Cockburn’s, Dow’s e Warre’s. Produzem também vinhos de mesa do Douro, informando que são os principais detentores de vinhas no Douro com 26 quintas. A maior é a Quinta do Vesúvio. Na sequência destas informações surpreendentes, visitamos algumas vinhas aqui nesta zona, com as suas plantações em socacos tradicionais, mas sob um calor já bastante intenso.

Almoço na Casa dos Ecos e Prova de Vinhos

Nesta enorme Quinta do Bonfim, situa-se o restaurante Casa dos Ecos num ponto elevado, a meia encosta, com uma vista magnífica sobre o rio Douro e rodeada de vinhas. O almoço, delicioso, neste belíssimo



Estação Ferroviária do Pinhão com belos azulejos sobre vivências locais

restaurante, isolado a meia encosta para onde subimos a pé, desfrutando da paisagem, é gerido pelo Chefe Pedro Lemos, detentor de uma estrela Michelin.

À tarde foi-nos proporcionada uma bela prova de vinhos com a iniciação aos parâmetros de referência na apreciação de um vinho. Uma especialidade cheia de pormenores e sabedorias

Regressamos de comboio para a Régua: um fim de dia tranquilo num simpático alojamento com piscina.

A subida do Douro de barco

No dia seguinte seguimos da Régua para o Cais do Ferrão (Sabrosa) onde nos esperava um barco tradicional- neste caso o “BARCO RABELLO “TORGA” já adaptado ao transporte de pequenos grupos de visitantes.

Foi inesquecível subir o Douro durante duas horas nesta luz da manhã, com as encostas cheias de vinhas muito cuidadas. As fotografias testemunham e dispensam descrições: as imagens falam por si.

No fim do percurso previsto, saímos para entrar de novo no comboio agora na estação do Tua para seguir até ao Pocinho passando na Ferradosa e por Freixo de Numão.

Um almoço inesquecível

O nosso almoço na chamada “Casa da Linha Férrea”, integrada em Casas do Côro, tornou-se surpreendente em todos os aspectos: localização belíssima sobre o Douro, encomendado em regime de exclusividade com um requinte gastronómico inesperado, desfrutando do enquadramento directo na Natureza e na paisagem.

Pesquisei depois “Casas do Coro”: é um projecto de Paulo Romão que pretende recuperar sete casas – apeadeiros e casas de manutenção da linha de comboio entre Pocinho e Barca de Alva para dar origem a suites e uma sala de refeições.

O regresso de comboio seguiu directo para o Porto, transportando connosco inesquecíveis memórias.

Julho 2021

Ouro de Bruxelas assegura qualidade na entrada do QM Rosé 2020 no mercado

João Martinho

A Quintas de Melgaço lançou há menos de um mês a colheita de 2020 do QM Rosé e este néctar já se afirmou como um vinho de eleição junto dos especialistas, ao conquistar uma Medalha de Ouro na 28ª edição do Concours Mondial de Bruxelles, um dos processos de avaliação de vinhos mais conceituados do mundo.

A personalidade jovem deste Rosé, fresca e persistente, mereceu distinção no Concours Mondial de Bruxelles, por entre uma amostra de 10 mil vinhos em competição, provenientes de 46 países produtores. Este concurso de referência conta já com mais de 20 anos de história e teve, na edição de 2021, mais de 300 juizes internacionais a participar nas provas, durante 9 dias, no Luxemburgo.

“Lançar uma nova colheita como a do QM Rosé e verificar que a mesma é merecedora de um selo de confiança tão grande é uma força motivadora enorme

para continuarmos a trabalhar com o mesmo carinho e rigor de sempre. É uma honra saber que, mesmo quando a nossa produção se encontra no meio de tantos vinhos de renome do mercado global, a sua qualidade não deixa ninguém indiferente”, afirma Pedro Soares, administrador das Quintas de Melgaço.

Nascido a partir do *blend* das castas mais nobres brancas e tintas, da sub-região de Monção e Melgaço, a Alvarinho e a Sousão/Vinhão, a colheita de 2020 do QM Rosé diferencia-se pelo seu caráter pujante.

Através de um processo baseado em saberes e métodos ancestrais, nasce um néctar de cor rosada, ligeira e delicada, com aromas deliciosos de frutos vermelhos, infusão de mentas e casca cítrica. A frescura exalada torna o QM Rosé no acompanhamento perfeito para harmonizar com saladas, aperitivos diversos, pratos de peixes e marisco, assim como com um suave queijo



amanteigado. Para uma experiência completa de deleite, o QM Rosé 2020 deverá ser servido a uma temperatura entre os 8°C e os 10°C.

Grupo de enfermeiros da UCIP do Hospital de Viana do Castelo fez pausa em Melgaço

João Martinho



No dia 13 de Junho, uma equipa de enfermeiros da Unidade de Cuidados Intensivos Polivalente do Hospital de Viana do Castelo veio até Melgaço para uma descida de Rafting no Rio Minho e aproveitaram para visitar o projecto da Casa de Canhotos, adega produtora de vinhos e casa de referência no sector da restauração.

O grupo de enfermeiros que esteve na linha da frente no combate à pandemia Covid-19 fez uma breve pau-

sa em Melgaço e os representantes da Casa de Canhotos convidaram-nos a conhecer a adega e a quinta que são representativos da marca.

“Certamente será uma experiência a repetir, tal foi o entusiasmo com que viveram esta aventura única que Melgaço, a Melgaço Radical, Melgaço em Sabores e a Casa de Canhotos lhes proporcionou. É sempre uma honra promover o concelho”, lê-se nas redes sociais da Casa de Canhotos Alvarinho.

À sua espera para momentos únicos!

Restaurante Foral de Melgaço
Lounge Bar
River Spa

VISITE-NOS, ESTAMOS ABERTOS TODOS OS DIAS